

Crónica de onomástica paleo-hispânica (20)

António Marques de Faria

Resumo Nesta vigésima crónica, tentamos apresentar novas perspectivas acerca de diversos nomes próprios documentados em território hispânico e no Sudoeste da Gália, muitos deles publicados pela primeira vez há várias décadas. Vimo-nos, no entanto, mais uma vez, na obrigação de voltar a expor alguns dos resultados a que chegámos em crónicas anteriores, mercê do facto de terem sido deliberada ou involuntariamente atribuídos a outrem.

Abstract On the occasion of our twentieth review, it was our intention to devote ourselves exclusively to present new perspectives regarding various pre-Roman names documented in Hispanic territory as well as in southern Gaul, many of them published for the first time several decades ago.

However, as in the past, we find ourselves compelled to present once again some of the results we reached in previous texts, which, by either ignorance or bad faith, were not properly acknowledged.

aidutigeré. Placa de chumbo. Empúries (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Depois de vários anos em que diversos investigadores foram reivindicando para si o pouco que fomos descobrindo sobre a onomástica hispânica pré-romana, vimos assistindo nos últimos tempos a diversas tentativas de conceder a terceiros aquilo que nos pertence. É este o caso de Luján (Luján & alii, 2012, pp. 197–200), que nos quis despojar da autoria da identificação de **aidutigeré** (Faria,

1990–1991, p. 82, 1994a, p. 68, 1998a, p. 230, 2001a, p. 96, 2004a, p. 175, 2004b, p. 276, 2007a, p. 163, 2008a [2009a], p. 145, 2010 [2011], p. 91) e de outros NNP susceptíveis de conter o componente antroponímico ibérico *aidu-* (Luján & alii, 2012, pp. 197–200), atribuindo a compatriotas seus leituras e interpretações que são da nossa lavra.

Observamos, de resto, em Luján a mesma atitude na concessão a outrem da individualização de outros elementos onomásticos ibéricos além

de *aidu-*. É o caso da detecção de *ildun* em **aiTiCelTun** (G.15.1), que Luján (Luján & *alii*, 2012, p. 198) confere provocatoriamente a Rodríguez, silenciando, em curiosa competição com este reputado especialista (Faria, 2004b, pp. 275–276), todos os nossos contributos prévios sobre a matéria em causa (Faria, 1990–1991, pp. 77, 82, 1991a, p. 188, 1992a, p. 193, 1994a, pp. 65, 66, 2000a, p. 125, 2000b, p. 62).

Além da omissão dos nossos artigos referidos nos dois parágrafos anteriores — nada menos do que treze no total —, facilmente nos deparamos com outros motivos subjacentes à nossa convicção de que as notórias insuficiências evidenciadas por Luján no artigo em questão não constituem o fruto de uma formidável inépcia. Assim, nas nn. 22 (p. 199) e 24 (p. 200), surgem expressamente citados dois trabalhos, cujas autoras, Panosa e Moncunill (e não Montcunill: pp. 200, n. 24, 203), nomearam de modo explícito, aduzindo a pertinente bibliografia, quem procedeu num primeiro momento à correcta transliteração e segmentação do NP **aidutiger** (Panosa, 1999, p. 268; Moncunill, 2010, p. 41). Não há ignorância nem amnésia passíveis de justificar a impolidez do *modus operandi* utilizado por Luján, que, além do mais, atribuiu a Ferrer (2005 [2006], p. 958, n. 4) — investigador seguramente isento de qualquer culpa neste lamentável episódio — a prioridade na identificação de uma oclusiva dental sonora no segmento *aidu-* (Luján & *alii*, 2012, pp. 199–200 e n. 24).

Não é a primeira vez (Faria, 2007a, p. 163, 2007b, p. 210), nem será provavelmente a última, que somos alvo de uma conduta discriminatória por parte de Luján, própria de um “citador selectivo”, segundo a tipologia estabelecida por Abad (1998/2005).

aPuloraun. Mosaico. **Andelo* (Muruzábal de Andiñón, Navarra). Mezquíriz, 1991–1992, pp. 365–357; *MLH* IV K.28.1.

Cumpra-nos neste momento corrigir a informação prestada numa das nossas últimas crónicas relativamente à interpretação de **aPuloraune** fornecida por Prósper (2010a, p. 221). De uma leitura demasiado apressada, assente nos

comparanda célticos proporcionados no artigo em questão, depreendemos erradamente que Prósper encarava **aPuloraune** como iberização do NP céltico **Abulouellaunos* em detrimento de **Abulowlaunos*, também um NP, cujo segundo membro, resultado da evolução fonológica *wl-* > *l-*, exclusivamente celtibérica, “puede ser bien el antiguo participio de aoristo **wIH-mno-*, bien, más probablemente, teniendo en cuenta el vocalismo radical, el producto de la tematización del nombre de agente **wIH-mon-* [...]” (Prósper, 2010a, p. 220).

Fica feita a necessária rectificação, com um pedido de desculpas à investigadora lesada. Em todo o caso, não podemos acompanhar a perspectiva de Prósper, quanto mais não seja porque (tal como decorre do início do presente verbete), na nossa óptica, por numerosas vezes transmitida, o NP a individualizar é **aPuloraun**, e não **aPuloraune** (Faria, 1992–1993, p. 278, 1997, p. 106).

Aproveitamos esta ocasião para contraditar duas afirmações produzidas por Prósper (2010a, p. 221), que, de resto, se revestem de uma importância marginal para a exegese de **aPuloraun-e**. Assim, não é verdade que a inscrição do mosaico em apreço “no dice nada más que *Likine Abuloñaune ekiar Bilbilars*”; o lexema que figura na inscrição a seguir a **aPuloraune** é claramente **eCien**, e não **eCiañ**. Até prova em contrário, **eCiañ** e **eCien**, conquanto pertencentes ao mesmo paradigma, não são lexemas permutáveis entre si (De Hoz, 1995, p. 278; Faria, 1997, p. 106). Tão-pouco corresponde à realidade que “en ibero no existe la secuencia gráfica de lateral + labial”; aos cinco exemplos aduzidos noutro texto (Faria, 2002a, p. 238) podemos acrescentar ALBENNES (TSall; Faria, 1994a, p. 65, 2004a, p. 176, 2007a, p. 162), **ilPiCon** (C.2.8; Faria, 2002b, p. 134), SALBV[...] (*HEp* 3, 258), **nalPanCun** (Olcoz, Luján & Medrano, 2007–2008, pp. 96–97; Jordán, 2011, pp. 301–302), NALBEADEN (TSall), NALBE[–]N (Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53), SILBIS (*RPC* I 401; Faria, 2002b, p. 135), **urCailPi** (Faria, 1995a, p. 326, 2000a, p. 141), **YIPePiur** (Comas, Padrós & Velaza, 2001, p. 236; Faria, 2001a, p. 101, 2002a,

p. 236) e **YlPeiē** (C.3.2) (Rodríguez, 2000, p. 27; Faria, 2001a, p. 101, 2002a, pp. 236, 238, 2004b, p. 298).

ataio[. Fragmento de tigela de cerâmica cinzenta comum. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpinhão). *MLH* II B.8.13; Ferrer, 2005 [2006], pp. 964, n. 35, 966, n. 46; Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 239.

Numa das nossas mais recentes crónicas (Faria, 2011 [2012], p. 173), sustentámos que **ataio** seria um NP completo, atendendo ao paralelismo com **celtaio** (B.1.13; C.2.13; Ferrer, 2005 [2006], pp. 962, 967, n. 52), conquanto admitamos agora a eventualidade, contemplada no início do verbete, de **ataio**[conformar a transliteração apropriada. De qualquer modo, partindo do princípio, já assumido por Pérez Orozco (2007, p. 110), de que nenhum signo sucede a **ataio**, este NP consistirá na iberização de **Attaios* < **Ad-tāios*, um NP céltico comparável a *ATTAIORIG(is)* (gen.) < **Ad-tāio-rīx* (Delamarre, 2007, p. 31) e, conforme vimos, a **celtaio** < **Celtaios* < **Cel-tāios*. Esta interpretação sai naturalmente reforçada com a presença do NF **aTaoCum** em K.1.3, derivado do NP **Attaios* (de preferência a **Ataios*) (Untermann, 1996, p. 126). Não obstante, fazendo tábua rasa dos paralelos por nós aduzidos, Rébé, De Hoz & Orduña (2012, p. 235) não hesitaram em tratar **ataio** como NP de classificação linguística indeterminada. Mesmo que **ataio** se apresente truncado (**ataio**[), o cotejo deste com *ATTAIORIG(is)* (gen.) reforça as probabilidades de o NP em questão pertencer ao celta. Cabe, todavia, a hipótese de o segmento inicial de *ATTAIORIG(is)* (gen.) remeter para o paleobasco/aquitano (Schmidt, 1957, pp. 51, 141; Gorrochategui, 1984, pp. 148–149, n.º 60, 1986, p. 530; Quintanilla, 1998, p. 84 e n. 67), se bem que uma tal interpretação fique fragilizada à luz da distribuição geográfica de **ataio** e **celtaio**, NNP cujas características tão-pouco aconselham a respectiva integração na antroponímia ibérica.

aurgere. Fragmento de vaso de cerâmica ática. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH* III 2 C.1.9. Não podemos permitir que Moncunill (2012,

p. 205) avoque a autoria quer da identificação de **aurgere** como NP ibérico, quer da respectiva segmentação como **aurgere** (Faria, 2004a, p. 184, 2007a, p. 169, 2008b [2009b], p. 72, 2010 [2011], p. 90).

a+cidei+e. Bloco de pedra. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Apesar de termos advertido, em vários artigos, para a ilegitimidade da transformação de **a+cidei+e** em **arkiteibas** (Faria, 2002b, pp. 126, 127, 2004b, p. 294, 2005b, p. 168), Orduña (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, pp. 223, 225) voltou a incorrer em tal erro (Faria 2011 [2012], p. 152).

BALCIBIL(us). Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Ao arrepio de uma pretensão assumida por Schuchardt (1909, p. 242), que acabámos por secundar há poucos anos (Faria, 2008b [2009b], p. 64) na companhia de Silgo (2009 [2010], p. 143), parece-nos actualmente preferível, em função da *ordinatio* do texto em causa, perspectivar BALCIBIL como NP abreviado. Nesta conformidade, BALCIBIL estaria por BALCIBIL(us) (Untermann, 2005, p. 1092), e não por BALCIBIL(os) (*contra*, Untermann, 1987, pp. 298, 300, *MLH* III 2, p. 218; Moncunill, 2012, p. 190) ou por BALCIBIL(is) (*contra*, Silgo, 2009 [2010], p. 143). **Balcibilus* conformaria, deste modo, a latinização de **Balcebilos*, estendendo-se a passagem de *balce-* a BALCI- ao NP BALCIADIN (Correa, 1994, pp. 269–270), que identifica no Bronze de *Asculum* o filho de BALCIBIL(us). Tal como Moncunill (2012, p. 217, n. 25) não pôde deixar de reconhecer, apesar de manifestar alguma hesitação — deparámo-nos com várias referências indevidas a **balki** (Moncunill, 2012, pp. 189, 212) —, não há um só testemunho de *balci-* em escrita ibérica (Quintanilla, 1998, pp. 77–78), um facto ignorado por Vallejo Ruiz (2009, p. 134), que reconhece igualmente a existência do fantasmagórico segmento antroponímico *ordu-*. Já o mesmo não se verifica com *balca-* (Quintanilla, 1998, pp. 77–78), cujos testemunhos foram incompreensivelmente silenciados por Moncunill (2012, p. 204). De qualquer modo, independentemente do

vocalismo final, o formante em causa consiste no empréstimo céltico *balco-* ‘forte’ (Bähr, 1948, p. 418; Albertos, 1966, pp. 48–49; Criniti, 1970, pp. 207, n. 7, 228; DLG, p. 65). Silgo (2008 [2009], p. 143) equivocou-se ao veicular a informação de que Albertos havia adoptado esta mesma perspectiva antes de 1966, designadamente em Albertos (1961).

BELENNES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Trata-se de um NP segmentável em BEL-ENNES (Schuchardt, 1909, p. 239), BELEN-NES (Faria, 1993a, p. 154, 1998b, p. 235, 2000a, p. 129, 2000b, pp. 62–63, 2002b, p. 135, 2007a, p. 166; Silgo, 1994, p. 76, 2000a, p. 506) ou BELENN-ES (Silgo, 2009 [2010], p. 144), não havendo qualquer necessidade de o fazer remontar a **belesnes* ou, muito menos, a **belesnés* (Moncunill, 2012, p. 190), tendo em atenção os paralelos susceptíveis de ser invocados para *belen-* (Faria, 1993a, p. 154, 1998b, p. 235, 2000a, p. 129, 2000b, pp. 62–63, 2002b, p. 135, 2007a, p. 166; Silgo, 1994, p. 76, 2000a, p. 506, 2009 [2010], p. 144).

BELES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. A teoria defendida por Moncunill (2012, p. 194), de acordo com a qual BELES “sería un nombre acortado por el principio” dificilmente podia ser mais abstrusa. Na verdade, tal ideia assenta exclusivamente no facto de o formante *beles* ocorrer em posição final no patronímico do cavaleiro em questão, VMARBELES. Como é óbvio, nenhuma consistência poderá, tão-pouco, ser reconhecida à exegese de BELES como “abréviation” (Barrandon, 2011, p. 181). BELES configura naturalmente um *nomen simplex* ou “Kurzname”, tendo, num primeiro momento, constituído para Untermann (1987, p. 290) o único exemplo de “nombres no compuestos que no llevan sufijo”. Anos depois, Untermann (*MLH* III 1, p. 204) chegou a descobrir mais dois, *neitin* (C.2.8) e *seCel* (G.7.2), mas esta lista pode ser substancialmente aumentada, já que, a nosso ver, entram na mesma categoria *aTin* (CNH 439:1) (Correa, 1993, p. 116; Faria, 2008b [2009b], p. 73), *BADAN* (Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, pp. 290–291) (Faria, 2011 [2012], p. 152), *baicá* (B.1.1;

C.21.2) (Untermann, 1969, p. 107), *becor* (G.15.1) (Faria, 1994a, p. 67), *belan* (B.1.33) (Faria, 1994a, p. 67), *boís* (C.2.3), *BORSEI* (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 177–178, n.º 115) < *Boís*, *BORSVS* (Luchoire, 1879, p. 81, n.º 35; Gorrochategui, 1984, pp. 178–179, n.ºs 116–118) < *Boís*, *Colon* (CNH 343:10) (Faria, 1991a, p. 192, 1994b, p. 45, n.º 175, 1995b, p. 82, 2000a, pp. 131, 132, 2001a, pp. 99–100, 2004b, p. 286, 2011 [2012], p. 163), *euCin* (C.14.1) (Faria, 1994a, p. 67), *ISCER* (CNH 332:14) (Faria, 1994b, p. 46, n.º 193), *lecar* (Solier, 1979, pp. 83, 84, 88) (Faria, 1993a, p. 153, 1994a, p. 67), [*LJEIHAR* (*HEp* 3, 415) (Faria, 1993a, p. 153), *liCof* (E.1.396) (Faria, 1993a, p. 153), *nisor* (Solier, 1979, p. 83) (Faria, 1994a, p. 67), *ordin* (Siles, 1985, p. 283, n.º 1247) (Faria, 1990–1991, p. 86), *Pelaí* (F.13.3) (Faria, 1994a, p. 67), *sesin* (*MLH* IV K.1.6) (Faria, 1998c, p. 128, 2000a, p. 139, 2002b, pp. 128, 135, 2004b, p. 309, 2007b, pp. 225–226, 2012, p. 100), *SACAL* (CNH 332:14) (Faria, 1994b, p. 53, n.º 327), *serCír* (CNH 144:20) (García-Bellido & Blázquez, 1995, p. 420, n.º 341), *siCil* (G.7.2) (Faria, 1990–1991, p. 88, 1994a, p. 68), *SOCED* (CNH 332:14) (Faria, 1994b, p. 54, n.º 352) e *TALSEIAE* (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 276–277, n.º 350). Há poucos anos, Untermann (2005, p. 1092) quis ver na sequência *bilosleistiger* “un señor *bilos*, hijo de *leistiker*”, uma perspectiva exactamente oposta à que havia sido defendida por Solier (1979, p. 84), que contemplava *bilos* como “élément de patronyme”. Não sabemos qual destas perspectivas merece a preferência de Ferrer (2012a, p. 150). Pela nossa parte, continuamos a considerar *bilosleistiger* um NP trimembre (Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004b, p. 296, 2006, p. 116).

Importa sublinhar, a propósito do supracitado *boís* (C.2.3), que se nos afigura inteiramente legítimo o paralelismo entre *boís-te.abargeboís-te* (C.2.3) e BELES VMARBELES *F(i)lius* (TSall) — o único válido entre todos os que Siles (1995, p. 27, n.º 13) aduziu —, pelo que a objecção colocada por Orduña (2011 [2012], p. 137) à exegese ora apresentada carece de solidez:

“**borste.abaŕkeborste** podría pasar por NP de no ser por la repetición de **borste**”. A questão fica resolvida mediante a individualização, não de um, mas de dois NNP: **boŕs** e **abargeboŕs**. Cremos que também em **baicaŕ ŕocinbaicaŕ** (C.21.2) é razoável identificar uma sequência formada por NP simples + patrónimo composto. Não podemos deixar de assinalar que, em alternativa a uma fórmula antroponímica, os lexemas sufixados **boŕs-te** e **abargeboŕs-te** — Untermann (*MLH* III 1, p. 175) prefere analisá-los como **boŕ-ste** e **abargeboŕ-ste** — têm sido encarados nos últimos anos como numerais (Faria, 1993a, p. 152; Orduña, 2005 [2006], pp. 491–492, 495–496, 497, 498, 499, 2011 [2012], pp. 132, 137; Ferrer, 2009, pp. 454, n. 12, 458, n. 25, 459, 462).

bindurges. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1998, p. 103. Não vislumbramos nenhum indício da presença de um traço vertical seccionando em duas metades o triângulo que compõe o terceiro signo do NP em questão, sendo apenas possível observar algumas fissuras no interior do grafema, naturalmente destituídos de qualquer valor fonémico. Está, pois, excluída a identidade entre os fonemas representados por este signo e pelo que ocorre nos NNP **catulati** (na segunda posição) e **turgosbetan** (na primeira), constantes do mesmo documento. Assim sendo, carece de qualquer fundamento a transliteração **biturges**, que Moncunill (2012, p. 203) acaba de subscrever sem reservas, contrariando a postura assumida há alguns anos, quando ainda acolhia **bindurges** como transliteração alternativa (Moncunill, 2010, p. 71). Além do mais, dificilmente seria expectável uma oclusiva dental surda subsequente a nasal (Quintanilla, 1998, pp. 199–200), mesmo que a dental sonora não passe de uma variante contextual. Neste sentido, talvez não seja despropositado individualizar o segmento **durges** e fazê-lo derivar de *turgi*, elemento participante de diversos NNL ibéricos. **bindurges**, corresponderia, deste modo, a um NP copiado do gentílico respeitante ao presumível NL **Binturgi*. Em todo o caso, a ausência de *comparanda* claros

inibe-nos de optar decisivamente por qualquer das seguintes segmentações: **bin-durges** (Moncunill, 2010, p. 71), **bindur-ges** (Faria, 2007b, pp. 217, 220) e **bin-dur-ges**. Tanto **bindur-ges** como **bin-dur-ges** propiciam a individualização do formante *ges*, ficando a comprovação da respectiva existência pendente da descoberta de paralelos inequívocos em escrita epicórica. Se assim vier a suceder, poderá ser equacionada a ocorrência de *ges* em alternativa a *geŕ* (Faria, 1995b, pp. 81–82, 1997, p. 106, 1998b, p. 234, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215, 2004b, p. 306, 2006, p. 116, 2008b [2009b], p. 88) nos NNP GESELANDEN/GESELADEN (*IRMN* 58) (Faria, 2008a [2009a], pp. 149–150) e em ENNEGES (*TSall*), caso este último NP não proceda do gentílico homónimo paleobasco-ibérico, equivalente ao lat. *Ennegensis* (Schuchardt, 1909, p. 243; Sáez, 1978, pp. 259–260; Silgo, 2009 [2010], p. 146). Em qualquer caso, será sempre de excluir uma segmentação em ENN-EGES, ultimamente adoptada por De Hoz (2011a, p. 337) de maneira gratuita.

BVRDO. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Do nosso ponto de vista, nada justifica que se caia na tentação de interpretar BVRDO como versão sincopada ou cacográfica de **Bjurdo*, tal como preceituava Criniti (1970, p. 225), seguido quer por Quintanilla (1998, p. 188), quer por Moncunill (2012, p. 189), que, não obstante, manifestaram fortes reservas quanto à viabilidade de tão imprudente teoria. Como é óbvio, nenhuma consistência poderá, tão-pouco, ser reconhecida à exegese de BVRDO como “abréviation” (Barrandon, 2011, p. 181). BVRDO é NP que, atentos os *comparanda* aduzíveis, admite ser incluído na antroponímia ibérica (Criniti, 1970, p. 225; Untermann, 1998, p. 78) ou na céltica (Beltrán Lloris, F. & Ortiz, 2002, pp. 300–301; Silgo, 2009 [2010], p. 145).

catuiŕsaŕ. Asa de cratera. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.20. Moncunill (2012, p. 216, n. 3) trata **catuiŕsaŕ** como NP ibérico (Faria, 1995b, p. 83,

2005a, p. 286), segmentando-o, a nosso ver erradamente, em **catui-śař** ou em **catu-i-śař**.

A nossa perspectiva actual acerca de **catuiśař** consiste em encará-lo como iberização de um NP céltico (Untermann, 1969, p. 109, *MLH* II, p. 101; Correa, 1993, p. 107; Silgo, 2000a, p. 516; De Hoz, 2003, p. 89, 2011a, p. 245; Luján, 2003, p. 204), podendo o mesmo variar, por ordem crescente de plausibilidade, entre **Catuisos*/**Catuisa* (Untermann, 1969, p. 109, *MLH* II, p. 101; Correa, 1993, p. 107; Silgo, 2000a, p. 516; De Hoz, 2003, p. 89, 2011a, p. 245; Luján, 2003, p. 204), **Catuisaros* (Faria, 2012, p. 104) e **Catu(u)ix* (Faria, 2012, p. 104).

eToCiśa. Moedas. Localização indeterminada (Quetglas, 2005, pp. 38–42: Els Castelletes, Mequinenza, Saragoça?). *CNH* 51:96–100.

Não passou muito tempo desde que formulámos a hipótese de **eToCiśa** configurar um NP céltico, naturalmente masculino (Faria, 2011 [2012], p. 167). No entanto, semelhante proposta perde grande parte da sua consistência ao constatarmos que NNP como LASTVCISSA/LAXTVCISSA (Delamarre, 2007, p. 115) ou VERTECISSA (Delamarre, 2007, p. 197), tidos até agora como identificativos de oleiros, pertencem afinal ao género feminino (De Bernardo & alii, 2012, p. 122); pouco importa agora se aqueles atestam o elemento *cissa-* (Delamarre, 2007, p. 216) ou o sufixo *-issa* (Falileyev, 2007, pp. 97–98; De Bernardo & alii, 2012, p. 122). Ganha, por conseguinte, maior verosimilhança a identificação de **eToCiśa** com o NL *Otogesam* (ac.), que surge sempre, ou quase sempre, deturpado nos códices do *De Bello Civili* de César (*BC*. 1.61; 1.68; 1.70) (Faria, 2005a, pp. 277–279, 2008b [2009b], pp. 74–75; Yarza, 2010 [2011], p. 174). Por outras palavras, **Otogesa* é o resultado da evolução fonológica ou de erro(s) na transmissão manuscrita de **Etoġiśa*, nada tendo que ver com **Otobes*/**Otobesa* (v., em último lugar, Fasolini, 2012, pp. 75, 377–378, expressando, não obstante, algumas dúvidas quanto à validade de uma tal correspondência), excepto, talvez, na medida em que este NL possa ter influenciado analogicamente o vocalismo de

**Etoġiśa*: **Otoġiśa* > **Otogesa* (Faria, 2005a, p. 278).

iCale(n)sCen. Moedas. **Igale* (localização indeterminada). *CNH* 324:1–26.

Resumindo a nossa perspectiva sobre o presente gentílico (no gen. pl.), acreditamos que o mesmo remonta ao NL ibérico **Igale* (Faria, 2012, p. 97) — e não a **Igales*, tal como pretendiam Quesada & García-Bellido (2005, p. 67) —, o qual terá, por sua vez, dado origem ao gentílico latinizado *Egelestani*. Foi a partir deste último que o NL *Egelesta* se formou, naturalmente pelo processo designado por derivação regressiva (Quesada & García-Bellido, 2005, p. 67). Não há, por conseguinte, que atribuir a *-ta* a categoria de sufixo ibérico, conforme era desejo de Luján (2007, pp. 63, 64), pelo que, em *Egelesta*, o único sufixo com aquela matriz linguística é o formador de gentílicos *-s*, inadvertidamente incorporado no gentílico latino (Faria, 2009 [2010], p. 162).

Do que acima deixamos expresso, fica bem à vista a nossa divergência com Silgo (2013, p. 152) na diferenciação por ele operada entre **Igale* e *Egelesta* (designações que, conseqüentemente, corresponderiam as duas cidades distintas). Não poderemos secundar o referido iberista na exegese do NL *Egelesta* (Silgo, 2013, pp. 133–134), já que esta repousa, conquanto a título hipotético, numa relação com o basco *gesal* ‘salitre’. Trata-se de uma interpretação que não tem em devida conta a grande probabilidade de *gesal* proceder do lat. *aquae salis/salem* (Corominas, 1972, p. 307; Michelena, 1977², pp. 556, 560; Knörr, 1995, p. 217; González, 2004, p. 266).

Admitindo a validade da nossa interpretação, que remete para dados já conhecidos na Antiguidade hispânica, tão-pouco poderemos aceitar a pertinência da analogia estabelecida por Orpustan (2010, p. 40) entre *Egelesta* e as indocumentadas formas bascas **(h)egi-latz-(e)ta* ou **(h)ega-latz-(e)ta*, uma conexão que Silgo (2013, p. 134) secunda sem reticências.

Assim como *Egelestani* remete para **Igale*, também *Sosinestani* (BB II) deverá filiar-se no NL **Sosine*, tal como Villar & Jordán (2001,

p. 138) tinham visto antes de nós (Faria, 2009 [2010], p. 162). Equivocaram-se, no entanto, estes dois autores ao privarem *Sosine* do indispensável asterisco e, sobretudo, ao afiançarem que “*Sosine*, claramente no latino, tiene sufijos y desinencias latinos en *Sosinestaneis*, *Sosinestanos*, *Sosinestana*, etc.” Tal como acabámos de verificar a propósito de *Egelestani*, a segunda sibilante de *Sosinestani* não é identificável com um sufixo latino, mas ibérico.

ildirgiś. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, p. 84.

Em bom rigor, é nossa obrigação reconhecer que muito do que escrevemos sobre este NP (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 67, 70, 1995a, p. 327, 2000a, pp. 138–139, 2000b, p. 64, 2002b, p. 130, 2004b, p. 307, 2005b, p. 164, 2008a [2009a], p. 150) já constava do artigo de Solier (1979, p. 84).

Não obstante, Moncunill (2012, p. 217) não trouxe à colação nenhum dos dez textos acima referenciados, nem mesmo o que teve Solier por autor, dando a entender, pelo código alfanumérico atribuído à inscrição portadora de tal lexema, reportável ao sistema criado por Untermann, que foi este o autor da identificação de **ildirgiś** como NP ibérico.

Tão-pouco Moncunill teve o cuidado de assinalar que o mencionado NP já se encontrava atestado em C.2.11 (*MLH I 1*, p. 206; Solier, 1979, p. 84; Siles, 1985, p. 240, n.º 1018; Silgo, 1994, p. 112; Faria, 1995a, p. 327, 2000a, pp. 138–139, 2000b, p. 64, 2002b, p. 130, 2004b, p. 297, 2010 [2011], p. 96).

A transliteração **ildirbas** para este grafito de Ullastret, subscrita por diversos autores (Untermann, 1979, p. 61, *MLH III 2*, pp. 54–55; Rodríguez, 2002a [2003a], pp. 257, 261; Ferrer, 2005 [2006], p. 967, n. 52; De Hoz, 2011a, p. 379, n. 38), não passa de um erro motivado pela circunstância de os iberistas citados não estarem dispostos a reconhecer a existência de *giś*, segmento onomástico que tivemos o ensejo de detectar nos NNP **PanCiś** (G.7.2) (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 66, 67, 70, 1995a, p. 327, 1997, p. 107, 2000b, p. 64, 2002b, p. 130, 2004b, p. 303), **boístingis** (G.1.1) (Faria, 1990–1991,

pp. 77, 79, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 66, 67, 70, 1995a, p. 327, 1997, p. 107, 2000b, p. 64, 2002b, p. 130, 2005a, p. 277, 2007b, p. 221) e **IGALGHIS** < **Igalgiś* (*CIL II²/5*, 415) (Schmoll, 1959, p. 7, n. 5, 62; Lafon, 1963, p. 403; Faria, 2005a, p. 277, 2005b, p. 164), bem como no NL **eToCiśa** < **Etogiśa* (Faria, 2005a, p. 277, 2008b [2009b], pp. 66, 87). Curiosamente, foi Untermann (*MLH I 1*, p. 206) quem, pela primeira vez, transliterou adequadamente o NP em causa, mas decidiu outorgar a prioridade na dita transliteração a Siles (1985, p. 240, n.º 1018), escusando-se igualmente a reconhecer no mesmo trabalho, sem margem para dúvidas, a mais do que evidente natureza antroponímica de **ildirgiś**.

ildirśaī. Placas de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, pp. 82, 84, 85.

Em bom rigor, é nossa obrigação reconhecer que muito do que escrevemos sobre este NP (Faria, 1990–1991, p. 85, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1997, p. 111, 2002b, p. 127, 2004b, p. 286, 2006, p. 117, 2008a [2009a], p. 150) já constava do artigo de Solier (1979, pp. 82, 84, 85).

Não obstante, Moncunill (2012, p. 216, n. 3) não trouxe à colação nenhum dos dez textos acima referenciados, nem mesmo o que teve Solier por autor, dando a entender, pela referência alfanumérica atribuída à inscrição portadora de tal lexema, reportável ao sistema criado por Untermann, que foi este o autor da identificação de **ildirśaī** como NP ibérico. Repare-se que são vários os NNP publicados por Solier (1979, *passim*) que Untermann (1987, *passim*, *MLH III 1*, pp. 209–238) não hesitou em arrolar; **ildirśaī**, porém, não se encontra entre eles. O mesmo se passa, de resto, com o supracitado **ildirgiś** (Solier, 1979, p. 84), que prima pela ausência em todas as listas de antropónimos ibéricos elaboradas por Untermann.

Está longe, por conseguinte, de corresponder à verdade a afirmação produzida por Moncunill (2012, p. 191), segundo a qual *śaī* é “un formante joven, recientemente identificado”; páginas adiante, a investigadora em questão reincide na mesma falácia (Moncunill, 2012, p. 216, n. 3): “[s]e trata de un formante

documentado en piezas halladas después de la publicación de los MLH (...)”. AGIRSARIS (gen.) inclui-se entre os NNP portadores de *śár* (Faria, 1997, p. 111, 2004b, p. 301), sendo, quanto a nós, aconselhável ignorar tudo o que Carcedo (2010, p. 70) escreveu a propósito do mesmo, tantos são os desacertos e as omissões que podemos detectar no parágrafo que este autor consagrou ao dito NP. Tão-pouco poderemos considerar satisfatório o tratamento conferido ao segmento *śár* na *editio princeps* da inscrição que documenta AGIRSARIS (gen.) (Rubio, 1997, p. 61).

iubeba+ate. Bloco de pedra. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Apesar de termos advertido, em diversos artigos, para a ilegitimidade da transformação de **iubeba+ate** em **iubebarete** (Faria, 2002b, p. 127, 2005b, p. 168, 2007a, p. 172), chegou agora a vez de Orduña (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 222) cometer semelhante erro.

lecarco. Vaso de cerâmica (“Vaso de los Letreros”). San Miguel de Liria (Valência). MLH III 2 F.13.3.

Conforme tivemos oportunidade de comprovar através da indicação de diversos *comparanda*, **lecarco**, isolável em **olecarcoegi**, a única sequência que faz sentido num texto circular em *scriptio continua*, configura um NP ibérico (Faria, 1991a, p. 191, 1994a, p. 67, 1997, p. 107, 1998b, p. 236, 2002b, pp. 133, 135, 2004b, p. 307).

Orduña (2010, p. 323, n. 7) tomou devida nota da nossa responsabilidade na individualização do dito NP, mas parece que entretanto se esqueceu de tal facto (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 224) porque deixou de acreditar na existência de **lecarco**, reentrando, por conseguinte, no estado de negação bibliográfica (Orduña, 2011, p. 141) que lhe diagnosticámos recentemente (Faria, 2011 [2012], p. 171).

O NL basco medieval *Lecaroz* (Belasko, 1999², p. 278; Orpustan, 1999, p. 270), derivado do NP **Lecaro*, foi um dos testemunhos que

aduzimos para o segmento *lecar* (Faria, 2002b, p. 133).

A propósito dos NNL bascos terminados em *-oz* (Ramírez, 1987, pp. 571–573), é nossa convicção que *Zenboroz* (Belasko, 1999², p. 155; Salaberri, 2000, p. 127) deverá derivar do NP grego (latinizado) *Symphorus* — também se atestam *Simphorus* (EDCS 22200476) e *Simforus* (EDCS 18400013, EDCS 33100722) —, e não de **Zenbor* (Salaberri, 2000, p. 127). O NL *Cemborain/Zenborain* (Ramírez, 1987, p. 568, 1988, pp. 179, 190, 192, n. 19, 2002, p. 40; Jimeno, 1986, p. 262; Salaberri, 2000, pp. 127, 133) deverá remontar ao mesmo NP, e não a *Sembus* “u otro de estructura análoga” (Caro, 1945, pp. 70–71), *Sempronius* (Mujika, 1982, p. 246, *apud* Salaberri, 2000, p. 133), **Cembor-* (Belasko, 1999², p. 154) ou **Zenbor* (Salaberri, 2000, p. 127). Importa, de qualquer modo, reconhecer que a proposta subscrita por Caro ganha uma maior verosimilhança na eventualidade de *Cembozain/Zenbozain* (Jimeno, 1986, p. 262) e *Cemborain/Zenborain* remeterem para um só NP (Ramírez, 1988, p. 192, n. 19). Cremos, no entanto, que a génese de *Cembozain/Zenbozain* pode igualmente ser encontrada num NP grego (tal como *Cemborain/Zenborain*, intermediado pelo latim): *Symphosius*, também documentado como *Simposius* (EDCS 25700189).

neselTuCu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17–25.

Desde 1994 que vimos negando com argumentos por rebater a existência do elemento onomástico ibérico **nes* (Faria, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995a, p. 324, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002b, pp. 133, 135, 2007b, p. 216).

Efectivamente, não se conhecem quaisquer exemplos de **nes* em escrita epigráfica, ao invés do que se passa com *nes*, que surge como o primeiro componente de **neselTuCu**. A invenção de **nes* deve ser assacada a Untermann (MLH III 1, p. 229) ao isolar este pretense formante em dois NNP inscritos em C.10.1,]**staneš**

e **Jintaneś**, abandonando assim a perspectiva correcta que havia assumido alguns anos antes (Untermann, 1984, p. 118, 1987, p. 307). Por mais que insistamos em tal evidência, haverá sempre quem, como De Hoz (2011a, pp. 331, 332) ou Moncunill (2012, pp. 190, 216, n. 2), se refugie na comodidade que a ortodoxia sempre proporciona. Se é com *nes* que se inicia o NP **neselTuCu**, torna-se completamente descabida a tentativa, ensaiada por Moncunill (2012, p. 216, n. 2), de remeter NESILLE para **nerseildir*.

oreTaunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH III 1 F.13.1*; Silgo, 2000b, *passim*. Noutra oportunidade (Faria, 2008b [2009b], pp. 85–86), chamámos a atenção para vários exemplos da epêntese de oclusiva dental surda em posição intervocálica como *comparanda* para **śaiTaPi** < **śaiPi**. Àqueles deverá talvez ser acrescentado **oreTaunin** (F.13.1; Silgo, 2000b, *passim*) < **ore-T-aunin**, na eventualidade de tal lexema corresponder a um gentílico (Valladolid, 1998, pp. 252–254) ou a um NP com este identificado (v. *infra*), e não a um NP trimembre, analisável como **or-eTa-unin** (Faria, 2007b, pp. 224–225). Assinale-se que já Vallejo Sánchez (1954, p. 237) havia detectado o elemento central *-eta-* neste presumível NP, se bem que apresentando uma distinta transliteração do primeiro signo: **areTaunin**.

De qualquer modo, atendendo ao facto de a estela de Bicorp reproduzir pelos menos três NNP, um por linha — **iPesunin** (Faria, 2000a, p. 127, 2004a, p. 182, 2004b, p. 286), **CirinaPar** (Faria, 2004a, p. 180, 2007b, p. 224, 2008b [2009b], p. 71) e **eśCerTiPan** (Faria, 2004a, p. 182, 2007b, p. 224) —, **oreTaunin**, que surge na sequência deste último, não pode ser senão um quarto NP, e nunca o gentílico de **iPesunin**, que figura três linhas antes, tal como pretende Valladolid (1998, pp. 252–253). Além do mais, está longe de se encontrar demonstrado que o segmento *unin*, constante de **iPesunin**, faça exclusivamente parte de NNP femininos (Faria, 1995a, p. 329, 2000a, p. 141, 2002a, pp. 238–239, 2003b, p. 327).

Em face das considerações acima expendidas, a exegese que merece hoje a nossa preferência

consiste em encarar **oreTaunin** como NP feminino correspondente ao gentílico formado com base no NL **ore**, igualmente no género feminino. Posto isto, se estamos na disposição de seguir Valladolid (1998, pp. 252–253) na tradução de **oreTaunin** pelo lat. *Oretana*, sob a condição de aquele se identificar como NP, já não nos parece de todo viável propugnar uma segmentação em **oreTa-unin** (Valladolid, 1998, p. 252) ou em **oreT-aun-in** (Luján, 2007, p. 80), devendo, do nosso ponto de vista, prevalecer **ore-T-aunin**, à imagem de **śai-T-aPi** < **śaiPi**. Com efeito, **Oreta* é NL inexistente em ibero; é certo que o NL ORETVM está documentado, mas apenas em latim, consistindo o mesmo num NL formado regressivamente a partir do NE ORETANI, que remonta, por sua vez, a um outro NL, **Ore*, homónimo do levantino **ore** (Faria, 2007a, p. 170, 2011 [2012], p. 166; *contra*, Untermann, 2011, p. 287).

Em conformidade com esta nossa proposta interpretativa, o motivo para a inserção da dental consistiria na anulação da sequência *-eaV-*, que, diversamente do que sucede com *-eaC-* (Quintanilla, 1998, p. 132), não conta com quaisquer testemunhos na fonologia ibérica. A nossa interpretação de **oreTaunin** como NP equivalente ao gentílico reside na proposta de identificação de diversos NNP femininos ibéricos correspondentes a gentílicos formados pelo complexo sufixal *-aunin* < *-aun-in* (Faria, 2012, p. 98), por nós formulada na esteira das páginas dedicadas por Luján (2007, pp. 77–81) ao sufixo nominal *-au-*: BASTOGAVNINI (dat.) (Abascal, 1994, p. 299, *male*: *Bastagaunini*), GALDVRIAVNIN (Abascal, 1994, p. 377) e SOCEDEIAVNIN (Abascal, 1994, p. 514).

Entre os NNP ibéricos que, além dos supracitados (todos eles femininos), configuram, com diversos graus de probabilidade, decalques de gentílicos, encontram-se **aPuloraun** — talvez a relacionar com **abulduñ** (D.3.1), caso este provável NP não esteja por **abuilduñ* (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, pp. 66, 68, 2000b, p. 62, 2011 [2012], p. 148) —, AVSAGES (Silgo, 2009 [2010], p. 146), [B]ELGAVN (TSall) (Faria, 2002a, p. 240, 2003a, p. 216, 2004b, p. 304, 2005a, p. 285, 2008b [2009b], p. 64, 2012, p. 98), **bindurges** (v. *supra*, p. 191), **CefeCes**

(Rodríguez, 2002a [2003a], p. 260; Luján, *ad HEp* 11, 264) (Faria, 2007a, pp. 169–170), ENNEGES (Schuchardt, 1909, p. 243; Sáez, 1978, pp. 259–260; Silgo, 2009 [2010], p. 146), **eTesilir** (F.7.1) (Faria, 2011 [2012], p. 166), **gelces** (De Hoz, 1992, *passim*) (Faria, 2003a, p. 214, 2007b, p. 229; comparável a GELLIETAR?: Velaza, 2002, pp. 132, 146, n. 42), ILDRONS (ou *Ildronis?: Abascal, 1994, p. 390) (Schuchardt, 1909, p. 243; Schmoll, 1959, p. 62), NARHVNGESI (dat.) (Silgo, 2009 [2010], p. 146), **PasTesilTir** (F.13.24) (Pérez Orozco, 1993, p. 225), SVISETARTEN (TSall) (Schuchardt, 1909, p. 244; Silgo, 2009 [2010], p. 150), VRCESTAR (Abascal, 1994, p. 550) (Schuchardt, 1907, p. 36, 1909, p. 244; Vallejo Sánchez, 1946, p. 248; Schmoll, 1959, p. 63, n. 1) e VRGIDAR (TSall) (Schuchardt, 1909, p. 244; Vallejo Sánchez, 1946, p. 248; Schmoll, 1959, p. 63, n. 1).

oToPeśCen. Moedas. *Otobes/Otobesa. CNH 228:1.

Este presumível gentílico em gen. pl. já foi segmentado dos seguintes modos:

- *oToP-esCen (Vallejo Sánchez, 1950, p. 219);
- *oToPeś-Cen (Vallejo Sánchez, 1950, p. 219; Michelena, 1955, p. 92; Faust, 1966, p. 33; Aquilué & Velaza, 2001 [2002], p. 284; Velaza, 2003, p. 24);
- *oToPeś-esCen (Schmoll, 1959, p. 63; De Hoz, 2002, p. 164);
- *oToPes-sCen (MLH I 1, p. 212);
- *oToPes-Cen (MLH I 1, p. 212);
- *oToPe-sCen (Beltrán Martínez, 1996, p. 178);
- *oToPes-esCen (De Hoz, 2002, p. 164);
- *oToPeś-sCen (Schmoll, 1959, p. 63; Faria, 1995a, pp. 327, 328).

Não há, todavia, nenhum motivo passível de sustentar a existência de um complexo de sufixos -escen em detrimento de -scen, sendo esta a única sequência inequivocamente abonada na documentação disponível (MLH III 1, p. 175; Pérez Orozco, 1993, pp. 225–226; Correa, 1994, p. 270; Faria, 1995a, pp. 327, 328; 2002a, p. 234, 2003b, p. 319). Deste modo, afigura-se-nos mais prudente concluir

que **oToPeśCen** resulta de *otobeśscen (Faria, 1995a, pp. 327, 328), conformando esta hipótese de restituição uma das duas que foram admitidas por Schmoll (1959, p. 63).

De Hoz (2002, p. 164), ao sugerir que **oToPeśCen** pudesse remeter para *oToPesCen, não se apercebeu dos numerosos paralelos existentes para o segmento onomástico ibérico *beś* (Faria, 1995a, pp. 327, 328, 2000a, pp. 122, 126, 2002b, p. 126, 2003a, p. 215). Tão-pouco Untermann (MLH I 1, p. 212) se deu conta dos *comparanda* antroponímicos para *beś* publicados até 1975, fazendo derivar **oToPeśCen** de *oToPes-sCen ou de *oToPes-Cen. Ainda no domínio do desacerto, temos de recordar a análise preceituada por Luján (2007, p. 64) para *Otobesanus*, preferindo erroneamente *Otobes-anus* às duas únicas segmentações aceitáveis: *Otobesa-nus* ou *Otobes-anus*.

No tocante ao membro inicial de **oToPeśCen**, foi o mesmo devidamente individualizado por Fletcher (1984, pp. 409, 410) mediante a apresentação dos NNP **oToilTir** e **oToCeilTir** como paralelos.

As referências bibliográficas anteriores a 2002 mostram que nada do que se descreve na presente entrada é propriamente uma novidade, pelo que só um inusitado descuido poderá servir de explicação para a circunstância de Ferrer (2012b, p. 34) ter conferido a De Hoz (2002, p. 164) a prioridade na identificação do NL *Otobes.

PiurarCir. Placa de chumbo. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 226.

Orduña (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 226) desconhece qualquer outro exemplo de *argir* como componente antroponímico ibérico, apesar de o mesmo se encontrar atestado em *ilufargir* (Pérez Vilatela, 1991, p. 29; Faria, 1994a, pp. 69–70).

PoroTenPo. Marca sobre almofariz de cerâmica comum. Cabeço de Alcalá de Azaila (Teruel). MLH III 2 E.1.287.

A despeito da numerosa bibliografia produzida a propósito da marca de oleiro bilingue de Azaila, a primazia de Solà (1968,

p. 236) no estabelecimento da equivalência entre **PoroTenPo** e PROTEMVS não tem sido convenientemente reconhecida, até porque a única referência que se reporta a tal descobrimento (Oroz, 1976, p. 187, n. 5) não está completa.

Já a ascendência linguística que Solà (1968, pp. 236–237) lobrigou em **PoroTenPo**/PROTEMVS, conforme se pode entrever pelo título do artigo em que a mesma se insere, carece da mais elementar verosimilhança.

A propósito de marcas de oleiro aplicadas sobre almofarizes, contrariando uma afirmação de Estarán (2012, p. 82, n. 73), não corresponde de modo nenhum à verdade que tenhamos (Faria, 1998c, p. 128) secundado Untermann (MLH IV, p. 650) na identificação do oleiro atestado numa marca bilíngue de La Caridad (Caminreal, Teruel). O nome completo (latinizado) do escravo em questão é *Flaccus Atili Aiunadin(is) L(uci) s(eruus)* (Faria, 1998c, p. 128), e não *Flaccus L. Atili L. f. Aiunatin(is) s(eruus)*, como queria Untermann (MLH IV, p. 650).

PoTilCoś. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:26–35.

Num texto de recente publicação, Ferrer (2010 [2011], *passim*) acredita ter identificado, na grande maioria dos textos redigidos no semi-silabário ibérico meridional, uma sistemática distinção gráfica entre fonemas contrastantes em sonoridade, consubstanciada na presença/ausência de sinais diacríticos. Tal descoberta, a confirmar-se, erguer-se-ia como um marco fundamental para o estudo da escrita e da língua ibéricas, a acrescentar a outras que este insigne investigador tem protagonizado durante a última década, entre as quais nos permitimos salientar as que constam de um estudo dado à estampa em 2006 (Ferrer, 2005 [2006], *passim*). Contudo, se os resultados a que Ferrer chegou naquele texto, relativos à distinção gráfica entre /ta/ e /da/ no semi-silabário levantino, mereceram a nossa incondicional concordância (e o nosso aplauso), já a abordagem ao signário meridional por ele empreendida, acolhida com entusiasmo por Velaza (2011a, p. 96, n. 3), suscita-nos, como veremos, não poucas reticências.

Assim sendo, nas linhas que se seguem, tentaremos provar que Ferrer não terá ponderado devidamente a provável existência de diversos semi-silabários meridionais transmissores da língua ibérica, que, embora partilhando a maior parte dos grafemas, poderiam variar no espaço e no tempo (Faria, 1995b, p. 84). Por outras palavras, Ferrer é bem capaz de ter razão, mas seria, a nosso ver, necessário analisar cada um dos documentos *per se* ou enquadrá-los num conjunto coerente, e.g., a epigrafia monetária do Sudeste hispânico. Tal como poderá depreender-se do NP escolhido para encabeçar o presente verbete, é sobre este grupo de textos que irá incidir a nossa atenção.

No contexto da referida pesquisa, Ferrer (2010 [2011], p. 72) avançou /bu/ como valor fonémico para **||**, signo exclusivo da numária de *Obulco*, ao passo que **⌘** equivaleria, segundo o mesmo autor, a /bo/. No entanto, na nossa perspectiva, Ferrer cometeu um erro que pode ter contaminado irremediavelmente as fundações da sua descoberta. Consiste tal lapso na circunstância de, na tentativa de equiparar **||** a /bu/, Ferrer se ter socorrido exclusivamente do NL latinizado *Obulco*, negligenciando o facto de este não passar de uma versão bastante alterada (nenhuma das vogais primitivas se manteve) do NL indígena **iPolC(a)**. Este mesmo NL foi, numa fase mais tardia da ocupação romana, recuperado no composto *lpolcobulcula* e, presumivelmente, em *lporca* (Tovar, 1952, p. 221, 1974, pp. 122, 180; Beltrán Martínez, 1950², p. 312; Schmoll, 1962, pp. 86–87, 1966, pp. 182, 187; Correa, 1983, pp. 109–112). Nada indicia, portanto, que **iPolC(a)** tenha alguma vez sido **Ibulca* (contra, Ferrer, 2010 [2011], pp. 78, 79). Se, em *Obulco*, o fechamento da vogal medial o > u antes de lateral velarizada e em sílaba travada resulta da evolução fonológica inerente ao latim (Tovar, 1952, pp. 219–220; Correa, 1983, pp. 110–111; Quintanilla, 1998, p. 58; Untermann, 2011, pp. 287–288), não poderá ser, em contrapartida, menosprezada a influência que, na passagem de ib. *iPo-* a lat. *öbu-*, terá exercido o *nomen* latino *Obulcius* (Tovar, 1952, p. 220, n. 1, 1974, p. 106;

Blanco, 1987, p. 406 = 1996, p. 564, n. 4). Em divergência com Correa (1983, p. 111), não descortinamos nenhum motivo passível de nos levar a aceitar que a transliteração **iPoIC(a)** corresponde a /ibolk(a)/ em prejuízo de /ipolk(a)/ (Tovar, 1952, p. 219, 1974, pp. 105–106; Siles, 1985, p. 229, n.º 972). Admitindo com Ferrer que a diferenciação gráfica acima enunciada revela a existência da oposição fonológica surda/sonora, restará saber por que razão **li** equivale a /po/ em **iPoIC(a)** e a /bo/ em **PoTiICoś**. A propósito deste último NP, tal como o próprio Ferrer (2010 [2011], p. 72) não deixa de reconhecer, contra a valoração fonémica de **li** como /bu/ concorre a exacta transposição de **PoTiICoś** para latim: BODILCOS (Schmoll, 1966, p. 183). Recorde-se que, em toda a epigrafia meridional, **PoTiICoś** é o único lexema, a par de **iPoIC(a)**, que testemunha o silabograma **li**. Levando em consideração, por um lado, a ortografia do NP em escrita latina (Schmoll, 1966, pp. 183, 187) e, por outro, a mais do que provável etimologia céltica a ele subjacente (Schmoll, 1959, p. 60; Albertos, 1966, p. 57; *MLHI* 1, p. 337; Prósper, 2005, pp. 261, 342), não cremos que possam perdurar dúvidas quanto à transliteração correcta do nome do magistrado inscrito na emissão em caracteres indígenas: **PoTiICoś**, e não **budilcoś** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 90, 91, 92). Em boa verdade, pertencendo os numismas que exibem os dois signos a emissões distintas (Schmoll, 1961, p. 30), produzidas, por consequência, em momentos igualmente diversos, nada nos obriga a diferenciar os valores fonémicos de **li** e de **li** (Beltrán Martínez, 1950², p. 307; Schmoll, 1961, p. 30), sendo que, uma vez tomada tal decisão, este último não poderia, em caso algum, corresponder a /bo/. Aceitemos, contudo, por momentos, a bondade da tese advogada por Ferrer, segundo a qual foi justamente essa a intenção dos criadores/ utilizadores do sistema de escrita vigente nas cecas meridionais ao acrescentarem traços ou pontos a determinados signos consonânticos (silabogramas e fonemogramas). Nesta eventualidade, que encaramos com grandes reservas, em vez de /go/ (Ferrer, 2010 [2011],

pp. 94, 95), poderia ser atribuído a **li** o valor de /mo/, interpretação que facilitaria o entendimento de **śiPimolai**, **TuiTumolai** e **TuiTuimoren** como NNP (abreviados) de ascendência total ou parcialmente céltica (Faria, 2009 [2010], p. 167, 2011 [2012], pp. 155–156). Quanto a este último, independentemente de qual seja a transliteração a adoptar — **TuiTuiPoren** ou **TuiTuimoren** — importa prever a possibilidade de este NP, sempre entendido como abreviado, se decompor como **Tuitu-iPo-ren/Tuitu-imo-ren** < **Tuidu-imo-renos* em alternativa a uma segmentação em **TuiTui-Poren/TuiTui-moren** (Faria, 2009 [2010], p. 167, 2011 [2012], pp. 155–156), a darmos crédito às observações formuladas acerca do mesmo por Schmoll (1966, p. 186, n. 5). Importa ter em atenção que o segmento *imo-* se encontra várias vezes documentado na antroponímia céltica (Delamarre, 2007, p. 223).

Em consequência do que aqui afirmamos, ou seja, ante a hipótese, que reputamos assaz inverosímil, de **li** equivaler a uma sequência fonémica distinta de /bo/, dever-se-ia dar prevalência a /mo/, e não a /go/, tanto mais que, dada a ausência de *comparanda* para *golai* e *goren*, poucas dúvidas nos restam quanto à impossibilidade de contemplar **tuitugolai**, **tuituigoren** e **sibigolai** (por **śibigolai**) (Ferrer, 2010 [2011], pp. 94, 95) como transliterações credíveis.

Não obstante o interesse de que se reveste a audaciosa tese defendida por Ferrer quando aplicada às emissões monetárias do Sudeste — sendo apenas este o suporte epigráfico que está agora em discussão —, tão-pouco nos convencem outras transliterações por ele aventadas com base na detecção de traços ou pontos diacríticos em determinados signos consonânticos pertencentes ao semi-silabário meridional, um fenómeno que, aliás, Ferrer crê igualmente ter identificado na representação de diversas consoantes constrictivas do mesmo sistema gráfico. É nossa convicção, pois, que, sem abdicarmos por completo da análise das distinções gráficas — susceptíveis de remeter para outras causas (e.g., a diacronia das diversas emissões em presença) —, deve ser reconhecida primazia à comparação dos diversos componentes dos NNP reproduzidos nas emissões monetá-

rias de **iPolC(a)**/*Obulco*, de *Abra* e da chamada “ceca incerta meridional” com determinados elementos antroponímicos, sejam estes de matriz indo-europeia ou ibérica, presentes noutras fontes. Por conseguinte, em coerência com esta nossa teoria, continuamos a preferir **[?]gionís** (Faria, 1995b, p. 79, 1996, p. 152, 2011 [2012], pp. 154–155) a **[?]tonís** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 96, 103), **Ca(a)nginai** (Faria, 2008b [2009b], p. 75, 2011 [2012], pp. 161–162) a **ca(a)nɲnai/ca(a)ncunai** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 96, 103, e n. 115), **Colon** < /golon/ (Faria, 1991a, p. 192, 1994b, p. 45, n.º 175, 1995b, p. 82, 2000a, pp. 131, 132, 2001a, pp. 99–100, 2001b, p. 209, 2004b, p. 286, 2007b, p. 215, 2010 [2011], p. 96) a **colon** (Ferrer, 2010 [2011], p. 94), **neselTuCu** (Faria, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995b, pp. 79, 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002b, pp. 133, 135, 2004a, p. 188, 2007b, p. 216) a **neseldugo/neselduco** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 93, 103), **[Pan?](n)TuaCui** (Faria, 1995b, p. 79, 1996, p. 152, 2000a, pp. 125–126, 2005b, p. 169, 2011 [2012], pp. 152–154) a **[ban?](n)tuagoi** (Ferrer, 2010 [2011], p. 95), **TegiailCoś** (Faria, 1995b, p. 79, 1996, p. 173, 2003a, p. 212, 2006, p. 125, 2007b, pp. 227–228; Prósper, 2005, pp. 261–262, 342) a **deɲailcoś** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 84, 94, 96), **PeCuegi** (Faria, 1995b, pp. 79, 84, 1996, p. 155, 2000a, p. 128, 2005b, pp. 169–170, 2011 [2012], pp. 157–158) a **begoeɲ** (Ferrer, 2010 [2011], p. 94) e **ueCuegi** (Faria, 1995b, pp. 79, 84, 1996, p. 175, 2000a, p. 128, 2005b, p. 169) a **uegoeɲ** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 92, 94, 96). Da mesma forma, é também a conjugação com a informação extraída de outros documentos que nos induz a optar pela transliteração **ilticira** (Faria, 1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2000a, pp. 132–133, 2005b, p. 169) em detrimento de **ildigira** (Ferrer, 2010 [2011], pp. 78, n. 13, 87, 90). Aliás, em desfavor de uma identificação de Φ com /gi/ poderemos aduzir o emprego de Ψ , alógrafa daquele silabograma, em **oTaciis** (CNH

342:9), NP que figura em escrita latina nas moedas de **Canripo*/**Beuipo* sob a forma ODACIS (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991b, p. 17, 1992b, p. 43, 1993b, p. 139, 1994b, p. 51, n.ºs 283, 287, 1995b, p. 84, 1996, p. 167, 1998a, p. 232, 2000a, p. 138, 2001a, p. 101, 2001b, pp. 208–209, 2001c, p. 213, 2003b, p. 325, 2005b, p. 170). Ainda no que respeita ao NP obulconense, é descoroçoante constatar que, enquanto Panosa (2011, p. 267) não hesita em transliterá-lo como **otatis**, Salinas (2012, p. 113, Quadro 3), num texto inquinado por numerosas inexactidões — o citado Quadro 3 configura uma verdadeira catástrofe — e por uma não menor quantidade de omissões bibliográficas, aventa *Otaliis* como leitura.

Não nos parece aceitável, por outro lado, que, em apoio da interpretação como surda da oclusiva velar constante de **oTaciis** (e não **odacis** ou **odagis**: Ferrer, 2010 [2011], p. 88), se invoque o testemunho de **bancis** (G.7.2) (Ferrer, 2010 [2011], p. 88), já que ambos os NNP pertencerão a idiomas distintos. De qualquer modo, não podemos deixar de expressar fortes reservas à existência de **cis** enquanto segmento onomástico ibérico, mesmo aceitando a transliteração **bancis** em detrimento de **PanCis**, sendo **cis** o único que se documenta sem margem para grandes dúvidas (Faria, 1995a, p. 323, 1998b, p. 237, 2000a, p. 121, 2003b, p. 313, 2004b, p. 294, 2008a [2009a], p. 145, 2011 [2012], p. 147).

Tão-pouco cremos que a notação gráfica da oposição de sonoridade alegadamente observável nas legendas monetárias obulconenses possa ser sustentada com base na distinção entre Λ (= <Tu>), que ocupa a sexta posição no NP **neselTuCu**, e \uparrow (= <Pi>), silabograma com que encerra **urCailPi**, o NP que surge associado a **neselTuCu** nos reversos de CNH 344:17–25 (Faria, 1995b, p. 85). Assim, na emissão em causa, <Tu> assume a título excepcional a forma de Λ , não para se distinguir de Λ — tal como prescreve Ferrer (2010 [2011], pp. 94–95) ao outorgar àquele o valor de <du> e a este o valor de <tu> —, mas de \uparrow (= <Pi>), sendo inquestionavelmente /bi/ a sílaba que este signo representa em **urCailPi** (Faria, 1995b, p. 85). Dito isto, não temos quaisquer dúvidas em asseverar

que Λ corresponde a /du/, porquanto o segundo membro do composto ibérico **neselTuCu** só poderá remeter para *ildun* ou para *ildur* (Faria, 1991b, p. 18, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995b, pp. 79, 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002b, pp. 133, 135, 2004a, p. 188, 2007b, p. 216). As objecções que De Hoz (2011a, p. 352) coloca a esta nossa interpretação (cuja autoria, aliás, deixa por atribuir) são, todas elas, de rejeitar, já que não há rigorosamente nenhuma irregularidade na formação do referido NP ibérico.

Resta averiguar qual a razão subjacente à circunstância de ser /gi/ a única sequência de fonemas iniciada por oclusiva sonora a surgir representada na epigrafia monetária meridional por um silabograma específico, concretamente J , não sendo mera coincidência o facto de este também equivaler a /gi/ no signário dual levantino. Se foi J o único signo levantino utilizado para notar na epigrafia monetária meridional uma sílaba aberta iniciada por oclusiva sonora, tal se deve ao facto de não haver nenhum outro silabograma do NE suficientemente distinto de outros signos já em uso no SE que pudesse ser adoptado pelas cecas meridionais com vista a notar sem ambiguidades qualquer das restantes sequências bifonémicas principiadas por oclusiva sonora. Cremos ser esta a explicação mais plausível para um fenómeno cuja existência, pela aparente irregularidade de que se reveste, chegou a ser explicitamente posta em causa (Correa, 2004, p. 98, n. 76).

Em nosso entender, a linha de raciocínio que aqui desenvolvemos, conducente a sustentar que a aposição de sinais diacríticos em determinados signos utilizados nas moedas ibéricas meridionais reflecte a necessidade de se proceder à distinção entre núcleos silábicos, e não entre oposições de sonoridade dos segmentos consonânticos de cada uma das sílabas envolvidas, é susceptível de se aplicar com alguns matizes a outros textos. É o caso da mais extensa inscrição de La Bastida de les Alcuses (Mogente) (G.7.2), que exhibe M , o silabograma com que principia o NP **culeštautin** (Faria, 1990–1991, p. 78, 1992b, p. 45, 1993a, p. 151, 1995b, pp. 79, 84), não passando

aquele de uma criação *ad hoc* a partir de M mediante a junção de um apêndice curvilíneo. Ao contrário do que chegámos a defender em diversas ocasiões (e.g., Faria, 1995b, p. 79), este não chega a perfazer uma semicircunferência (Fletcher, 1982, Lám. II).

É bem evidente a intencionalidade colocada na gravação deste apêndice, que, além de mais tempo, requer uma maior perícia do que aquela que é exigida quando se trata de proceder à simples incisão de segmentos de recta, pelo que o entendimento do dito arco como um “falso arranque” (De Hoz, 2011b, p. 237, n. 28) se nos afigura totalmente despropositado. Importa sublinhar, em todo o caso, que o mesmo texto de Mogente atesta os signos M e M , não estando de modo nenhum assegurado que os mesmos equivalham a /ko/ e /go/, respectivamente, tal como advoga Ferrer (2010 [2011], p. 92). Assim, M pode representar /gu/ em **saldulagu**. Decorre desta constatação que o gravador do texto localizado no lado B da placa de chumbo de La Bastida de les Alcuses lançou mão de um só processo — a incisão de traços e pontos diacríticos — com vista a alcançar dois objectivos distintos, consoante os silabogramas em causa: por um lado, a diferenciação entre os núcleos de cada uma das sílabas e, por outro, a marcação das oposições de sonoridade dos respectivos segmentos consonânticos. Escusado será dizer que só este último fenómeno foi alvo da análise de Ferrer (2010 [2011], *passim*). Recorde-se que Untermann (*MLH* III 1, p. 227), diversamente do que pretende Ferrer (2010 [2011], pp. 80, n. 27, 89, n. 64), alvitrou **CulešTauTin** como transliteração de **culeštautin**. É óbvio que a diferença não é substancial, mas deve der convenientemente assinalada, já que a nossa leitura foi publicada antes de tomarmos conhecimento da proposta de transliteração formulada por Untermann (Faria, 1990–1991, p. 78, 1992b, p. 45).

rucabedi. Marca sobre *dolia*. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). *MLH* II B.8.20; Ferrer (2008) [2009], pp. 88–90.

Permitimo-nos nesta ocasião transcrever o último parágrafo do verbete que consagramos

há poucos anos ao NP **rucabedi** (Faria, 2009 [2010], pp. 167–168):

Seja qual for a transliteração correcta (conquanto propendamos por agora para **rucabedi**), é com inteira segurança que podemos definitivamente pôr de parte tudo o que seja parecido com **artibotibekau** (Gorgues, 2010, p. 162, n. 489).

Apesar desta nossa advertência, naturalmente tributária da leitura do elucidativo estudo elaborado por Ferrer, acabámos de nos deparar com uma transliteração muito semelhante à que Gorgues preconizava: referimo-nos a **arkibotibekau**, em má hora perfilhada por Orduña (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 227). Trata-se exactamente da mesma lição que já tinha sido aventada por Untermann (MLH II, p. 368) a par de **ukabetibokiar**, sendo esta a menos plausível das duas, segundo a opinião errónea deste autor.

De Hoz (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 233, n. 108) discorda implicitamente da transliteração preceituada no mesmo artigo por Orduña, mas não se distancia o suficiente da mesma, já que se inclina por **arkibotibekauí**, lendo como í o “signo central que Untermann no considera letra”.

Perseveramos em transliterar o NP em apreço como **rucabedi** em detrimento de **biurbedi**, a lição de Ferrer (2008 [2009], pp. 88–90) que foi mais tarde sancionada sem o mínimo reparo por Velaza (2011a, p. 322), atendendo à configuração de todos os signos dele participantes. Não vislumbramos, pois, em toda a epigrafia ibérica quaisquer *comparanda* passíveis de caucionar a transliteração do primeiro e do terceiro grafemas como <bi> e <r>, respectivamente.

salageí. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Estamos perante um NP ibérico segmentável em **sal-ageí** (Faria, 1994a, p. 70, 1995a, p. 328, 1998b, p. 235, 2003a, p. 226, 2004b, p. 289, 2007a, p. 177, 2010 [2011], p. 98). Esta mesma perspectiva foi perfilhada por Moncunill (2010,

p. 107), que, no entanto, inopinadamente, pretendeu validar uma inexistente relação entre os elementos onomásticos *sal* e *salai*. No espaço de poucos anos, porém, Moncunill (2012, p. 195) deixou de ver em **salageí** um NP, ao afiançar que o formante *ageí* ocorre exclusivamente como primeiro membro de compostos onomásticos. Se **salageí** serve de prova contrária à postura agora assumida por Moncunill, **Atanageí* (Rodríguez, 2001 [2002], p. 29; de preferência a **atan-akií**: Rodríguez, 2002b [2003b], p. 42), NL restituído a partir de *Atanagrum* (Liv. 21.61.6), não é mais do que um indício no mesmo sentido.

śaiTaPi. Moedas. **śaiTaPi**/*Saetabi* (Xátiva, Valência). CNH 314:1, 2, 11.

Até agora, com a notável excepção de Silgo (2013, pp. 264–267), ninguém se atreveu a discutir a bondade dos resultados que alcançámos nas nossas sucessivas abordagens ao significado a atribuir ao presente NL: ‘ninho de abutres’ *uel sim*. (Faria, 2007a, pp. 178–179, 2008b [2009b], p. 86). Cumpre-nos sublinhar que (*h*)*abia* ‘ninho’ já tinha sido identificado como termo patrimonial (paleo)basco antes dos nossos contributos acima mencionados, concretamente no NP ABISVNHARI (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 121, n.º 2) (Álvarez, 1997, p. 87).

Trata-se, quanto a nós, de um NL cuja segmentação admite apenas duas hipóteses: **śai-TaPi** (Faria, 2007a, pp. 178–179) ou **śai-T-aPi** < **śaiaPi** (Faria, 2008b [2009b], p. 86). Chegámos a ambas as possibilidades através da interpretação da iconografia monetária como “types parlants”, inclusive detectando em CNH 316:1 o recurso à utilização de rébus em complemento da legenda **śaiaPi**. Nestas como noutras pesquisas, levámos em consideração um preceito que felizmente vai congregando um crescente número de adeptos, definido de forma lapidar por Ballester há não muito tempo: “es la confrontación con el léxico del vascuence uno de los pocos caminos abiertos, junto al de la tipología general, para explorar significados antiguos en ibérico” (Ballester, 2008, p. 89).

Em consequência do que acima se afirma, outras segmentações que têm sido aventadas nos últimos anos — **śai-Ta-Pi** (Curchin, 2009,

p. 72; Silgo, 2013, p. 265), **śaiT(i)-aPi** e **śaiTa-Pi** (Luján, 2007, p. 61; De Hoz, 2011a, p. 255) — podem ser excluídas por falta de fundamentação, a despeito das razões que invocaremos *infra* em abono de **śaiTi-aPi**. Entre os autores citados, apenas Silgo (2013, pp. 265–266) tenta justificar a segmentação morfológica de **śaiTaPi** em **śai-Ta-Pi**, mas cremos que as explicações aduzidas por este iberista pecam por passar completamente ao lado da informação extraída das supramencionadas emissões monetárias, que julgamos indissociável da etimologia do NL:

“[e]n nuestra opinión puede ser nombre compuesto **śai-ta-bi**, con **bi** ‘emplazamiento’ o ‘bajo’ (v. ANABIS), y **śai** con el determinante toponímico **-ta**”. Por outras palavras, *Śaitabi* traduzir-se-ia por “el emplazamiento (**bi**) de la (**ta**) atalaya (**śai**)” (Silgo, 2013, p. 266).

No tocante às legendas monetárias **śaiTi** e **śaiTír**, caso não configurem abreviações por suspensão (v. *infra*), as mesmas não deverão ser mais do que abreviações por contracção (ou *per compendium*) de **śaiT(a)Pi** e **śaiT(a)Pi(eTa?)r**, respectivamente (Tovar, 1951, p. 316; Gil, 1956, pp. 36, 40; Untermann, 1983, p. 797; Faria, 1991b, p. 17, 1995b, p. 82, 2002b, p. 134, 2006, p. 125; Ripollès, 1997, p. 22; Quintanilla, 1998, p. 51; *contra*, Correa, 2004 [2005], p. 18). Nenhum crédito há, pois, que reconhecer à sugestão de que “[s]egún las monedas, la forma original habría podido ser *saiti* [sic]” (Curchin, 2009, p. 72), porquanto as cunhagens que exibem o NL **śaiTaPi** são bem anteriores às que se identificam toponimicamente através da abreviação **śaiTi** (Faria, 2006, p. 125).

A única hipótese de encarar **śaiTi** como abreviação por suspensão de **śaiTaPi** reside na análise de *Śaitabi* como **śaidiabi*, i.e., um NL composto pela junção de **śaidi* e de **abi*, aproximando-nos semelhante exegese de **śaiT(i)-aPi**, uma das propostas de segmentação aventadas sem argumentos minimamente convincentes quer por Luján (2007, p. 61) quer por De Hoz (2011a, p. 255). Tal formação consistiria, não num “cambio vocálico ante un sufijo iniciado en consonante” (De Hoz, 2011a, p. 255), mas no resultado da aplicação de uma regra morfofonológica, alegadamente só atestada no

chamado basco comum (Lakarra, 2002, p. 427), que foi há algum tempo formulada nos seguintes termos: “[i]f, after deletion of the final vowel, the final consonant is *-d* or *-g*, it is replaced by *-t* (...)” (Hualde, 2003, p. 58). Contrariando a postura dominante, cremos que são fortes os indícios de que esta regra poderá já ter vigorado nos léxicos paleobasco e ibérico (Faria, 2008 [2009], pp. 66–67). Caso acolhêssemos semelhante interpretação — *śaidi* não passaria de um derivado adjectival de *śai*, talvez dotado do sentido abundancial/colectivo que o sufixo *-di* imprime a diversos fitotopónimos bascos (Orpustan, 1999, pp. 265–266) —, nada nos obrigaria a prescindir dos dados fornecidos tanto pelas legendas **śaiTaPi** e **śaiTaPi** como pelos tipos monetários a elas vinculados. Em contrapartida, admitimos que não é fácil aceitar a ideia de que terá sido aposto um sufixo — *-r* (MLH I 1, p. 80 e n. 18; Quintanilla, 1998, p. 225) ou *-(eta)r* (Tovar, 1951, p. 316; Quintanilla, 1998, p. 51) — a um NL abreviado *per suspensionem*, no caso vertente, **śaiTír** < **śaidír* < **śaidi(abi)r* / **śaidi(abieta)r*. Qualquer destas exegeses, em todo o caso, afigurar-se-ia mais plausível do que encarar **śaiTír** como abreviação de **śaiti(bieta)r* (Schmoll, 1959, p. 70), porquanto uma tal interpretação passa por excluir arbitrariamente a primeira vogal daquele que reputamos ser o segundo membro do composto toponímico. Efectivamente, nenhuma legitimidade pode ser reconhecida à tentativa de metamorfosear *Śaitabi* em **Śaitibi*.

A afirmação produzida por Silgo (2013, p. 266), segundo a qual “Faria (2007[a], pp. 177–179) analisa **śai** como **śaitelegca** (sic) [...]”, não passará, decerto, de um equívoco provocado pela pouca clareza com que eventualmente nos teremos expressado.

śaniPeir. Placa de chumbo. La Punta de Orley (Vall de Uxó, Castellón de la Plana, Valência). MLH III 2 F.9.7.

Orduña (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 230 e n. 101) esqueceu-se de referir que **śaniPeir** foi por nós identificado como NP ibérico (Faria, 1995a, p. 327, 1998b, p. 237, 2004b, p. 309); tão-pouco este iberista foi capaz de se lembrar de que alguém o precedeu na identificação de

anYPer (Faria, 1991a, p. 191, 2004b, p. 277) e **aTaPer** (Faria, 1991a, pp. 190, 191, 1994a, p. 66, 1998d, p. 270, 2004b, p. 278), NNP igualmente ibéricos.

Ainda a respeito do mesmo artigo, não podemos deixar de assinalar o sofisma em incorre Orduña ao atribuir a Velaza a individualização de *ban* como segmento onomástico ibérico (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 228 e n. 89), quando foi o próprio Velaza quem reconheceu (manifestando, em tal ocasião, uma acribia nem sempre perceptível) que “[e]l primero en sospechar la existencia de un elemento antropónimo **ban** fue Faria (...)” (Comas, Padrós & Velaza, 2001, p. 297).

Para esclarecimento de Orduña, deixamos aqui exarada alguma da bibliografia sobre o assunto: Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994a, pp. 66, 70, 1995a, p. 326, 2000a, p. 130, 2004b, pp. 278–279, 2008a [2009a], p. 148, 2011 [2012], p. 171.

síCara. Moedas. *Śigara*/**Sigarra* (Prats del Rey, Anoaia, Barcelona). Ferrer & alii, 2012, pp. 38–39. Até hoje não foi suscitado qualquer óbice à divisão de *Śigara* entre uma base, *śigar-*, e um sufixo, *-a*. Trata-se de uma exegese corroborada por vários outros NNL ibéricos que exibem o sufixo toponímico *-a*: **bersa**, **etogísa**, EGARA, **euśTiPaiCula**, **ildicira** e LÁSSIRA/**Lessera* < **lesira* (**lasira*) (Faria, 2000a, p. 132, 2003b, p. 314, 2004b, p. 283, 2005a, pp. 277, 278, 2008b [2009b], p. 87). Também **ilTira** (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 228) e ***Otobeśa** (Faria, 2005a, p. 278) poderão conter idêntico sufixo. Não obstante o significativo número de NNL detentores do sufixo *-a*, Ferrer & alii (2012, p. 41), sem aduzirem um só contra-argumento, declaram que “el suposat morf **-a** dista d’estar clar”.

A segmentação de **síCara** em **síCe-ara(n)**, sustentada por Ferrer & alii (2012, p. 41), enferma de várias inconsistências. Antes de mais, na onomástica ibérica, nem **síCe** se documenta como primeiro membro de composto, nem **ara(n)** surge em posição final nos nomes bitemáticos. Acresce ainda que, além de **ara** não ser **aran**, nada obriga a que se reconheça a existência de **síCe** como elemento onomástico

ibérico, caso a segmentação apropriada de **eTeśiCe** (E.1.124) seja **eTeś-iCe** (Faria, 2002b, p. 130, 2011 [2012], p. 174).

Repetindo o que afirmámos há não muito tempo (Faria, 2008b [2009b], pp. 87–88), o único paralelo que conhecemos para *śigar*, incompreensivelmente ignorado por Ferrer & alii (2012, p. 41), figura em (PAGI) SEGARDENENSIS (gen. sg.) (Beltrán Lloris, F., 2006, *passim*; HEP 13, 731) / (PAGO) SEGARDINENSSIVM (gen. pl.) (Beltrán Lloris, M., 1977, p. 1064). Conquanto excessivamente condensada na respectiva formulação, parece ser igualmente esta a análise comparativa subscrita por Prósper (2010b, p. 534, n. 4).

Apesar da analogia com SEGARENENSIS, que, em face do testemunho em escrita ibérica, julgamos ser formação secundária relativamente a SIGARENENSIS < **śigara** (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 132, 2000b, p. 64), o NL de que deriva o gentílico SEGARDENENSIS/SEGARDINENSSIVM deve remontar, pelo mesmo motivo, a **śigardin*, de preferência a **segardin* (Beltrán Lloris, F., 2006, p. 161, n. 22), atestando-se outrossim a evolução /i/ > [e], a exemplo do que sucede com **śigara* > **śegara* (Ferrer & alii, 2012, p. 52 e n. 23).

A assimilação vocálica patente em *Sagarra* < *Śigara*/**Sigarra*, documentada na Idade Média (Ferrer & alii, 2012, p. 53 e n. 29), deixa entrever a forte probabilidade de o nome comum basco *sagar(r)* ‘maçã/macieira’ ser o resultado natural da assimilação vocálica regressiva *a-a* < *i-a* a partir de **śigar(r)*/**sigar(r)*, cabendo inclusive a eventualidade de o NL ibérico pertencer ao mesmo campo semântico deste último (Coromines, 1997, p. 76; Orpustan, 2010, p. 31; Prósper, 2010b, p. 534, n. 4; Terrado, 2011, p. 144; Silgo, 2013, p. 249), a exemplo, talvez, de **Śigardin*, cujas semelhanças com o basco *sagardi* ‘pomar’ não podem deixar de ser invocadas. Não podemos, no entanto, acompanhar Silgo (2013, p. 249) na redução de **Śigardin* a **Śigardi*, que temos por excessivamente arrojadada. Se o reenvio do termo basco *sagardi* para **śigardin* assume contornos verosímeis (conquanto se afigure indemonstrável), já a aceitação de um influxo do basco *sagar(r)* sobre o NL ibérico **Śigar(r)* (Coromines,

1997, p. 76, Orpustan, 2010, p. 31; Terrado, 2011, p. 144; Silgo, 2013, p. 249) padece de enormes fragilidades tanto no plano cronológico como no fonológico. Como vimos, ter-se-á passado exactamente a evolução fonológica inversa: basco *sagar(r)* < paleobasco/ibérico **sīgar(r)/*sigar(r)*.

Não obstante a raridade de que se reveste em ibero a sequência <śi-> (Correa, 2009, p. 282, n. 54), nenhum outro indício contraria a inclusão neste idioma do NL em análise, em contraste com o NP **śiPiPolai**, de matriz céltica (Faria, 2009 [2010], p. 167, 2011 [2012], pp. 155–156) ou, menos provavelmente, turdetana (Correa, 2009, p. 282 e n. 54).

TarTiCeleś. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilà, 1996, p. 296.

Não há dúvida de que o NP em análise prestar-se-ia a interessantes reflexões no domínio da heurística.

A menos que se demonstre através da publicação de uma fotografia (o que ainda não foi feito) que a leitura de Vilà está errada, não se justifica de modo nenhum que Ferrer (2012a, p. 148) privilegie as transliterações **TauTiCeleś** e **TauTiPeleś** — inventadas a partir de 2005 com o propósito de fazer encaixar no presente NP segmentos onomásticos sobejamente conhecidos — em detrimento de **TarTiCeleś**. A decomposição em **TarTi-Celeś** encontra-se suportada por diversos *comparanda* (Faria, 1997, p. 110, 1999, p. 159, 2002b, pp. 123, 125, 2004b, p. 300, 2007b, p. 227, 2008b [2009b], pp. 59, 63–64, 2010 [2011], p. 99; *contra*, Luján, *ad HÉp* 14, 172). No que concerne a **celeś**, mesmo que não estivessem documentados os dois NNP, BELCILE[...] < **Belceleś* e **taneiceleś**, demonstrativos da respectiva existência, poderíamos contar, ainda assim, com diversos indícios onomásticos que apontam no mesmo sentido (Faria, 2002b, p. 123).

De qualquer modo, independentemente da ocorrência de nomes próprios ibéricos compostos por *tarti(n)* ou por *celeś*, nenhuma legitimidade pode assistir a quem tenta distorcer o que, até prova em contrário, figura na inscrição em causa. Efectivamente, não nos

parece que haja alguma razão válida para duvidar da fidedignidade do grafito *post cocturam* tal como surge desenhado em Vilà (1996, p. 296, fig. 1). Em contrapartida, vale a pena frisar que Vilà (1996, pp. 297–298) isolou **rTiCeleś** (*sic*) como NP indígena, visto acreditar que a distância entre o primeiro e o segundo grafemas, por ela considerada excessiva, impedia que ambos pertencessem à mesma palavra.

TOLOCO. Placa de micrite cinzenta. *Nova Carthago* (Cartagena, Múrcia). *CIL* II 3450.

Salvo erro, fomos nós quem, precedendo outros autores, incluiu este NP, também documentado noutras inscrições (Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260), na antroponímia ibérica (Faria, 1995b, p. 83, 1997, p. 111). Assim sendo, temos de considerar abusiva a postura assumida por F. Beltrán Lloris (2012, p. 19, n. 96) ao querer imputar a autoria de tal interpretação precisamente a Campmajo & Ferrer (2010, p. 260).

tursgur. Base de vaso grego. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.12.

A observação da fotografia disponibilizada por Moncunill (2012, p. 206, fig. 7) leva-nos a preferir **tursgur**, a transliteração preceituada por Gómez-Moreno (1949, p. 288), em detrimento de **tursbiur**, que é a fornecida por Untermann (*MLH* III 2, pp. 33–34).

uniscel. Fragmento de vaso ibérico pintado. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2 F.13.22.

A fim de dissipar quaisquer dúvidas que as abordagens de Ferrer ao tema poderão suscitar (Ferrer, 2006 [2008], p. 155, nn. 104–105, 2008 [2009], p. 83, n. 9), importa referir que fomos nós quem, vários anos antes de Rodríguez, identificou o presente NP, que também consta de F.13.21 sob a variante sincopada **unscel** (Faria, 1997, p. 110, 2002b, p. 123, 2004b, p. 300), nada obstando, aliás, a que ambas as menções correspondam a um só indivíduo.

usTainaPar. Peso de pedra. Puig Castellar (Santa Coloma de Gramenet, Gerona). *MLH* III 2 C.8.2.

Estamos perante um NP segmentável em **usTai-naPar** (Silgo, 1994, pp. 205, 254; Faria, 2003a, p. 329, 2004a, p. 180, 2004b, p. 301, 2010 [2011], p. 100), não havendo nenhum motivo susceptível de nos induzir a acreditar que se trata de um lexema alheio ao âmbito antropónimo (*contra*, Moncunill, 2012, p. 207, que separa arbitrariamente **ustain** de **aPar**). *nabar* ocorre como segundo membro em **CirinaPar** (F.13.1) (Faria, 2004a, p. 180, 2007b, p. 224, 2008b [2009b], p. 71, 2010 [2011], p. 100) e, presumivelmente, em **saCarna[Par?]** (F.9.2) (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 66, 2004a, p. 180, 2004b, p. 309, 2010 [2011], p. 100).

]isePele[ś]. Pedestal de calcário cinzento. Montaña Frontera/Sagunto (Valência). *MLH* III 2 F.11.7.

Segundo Simón (2012, p. 256), não é possível fixar sem margem para dúvidas a efectiva proveniência do pedestal em causa, conquanto sejam fortes os indícios de que a peça seja oriunda do santuário de Montaña Frontera.

Em alternativa às restituições **[Pa]isePele[ś]** (*MLH* III 2, p. 410) e **[su]isePele[ś]** (Rodríguez, 2002a [2003a], p. 268) — esta, atenta a *ordinatio* observada pelo lapicida, bem menos plausível do que a primeira —, importa contemplar a hipótese de estarmos perante **[u]isePele[ś]**, restituição avalizada por **uisebartás** (G.13.1) (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1994a, p. 68, 2000a, p. 140, 2002a, p. 241) e por **VISERADIN** (*MLH* III 1, p. 236). Não nos custa tão-pouco aceitar que *Vessetania*, nome de uma *regio* mencionada por Plínio (*nat.* 3. 24) (Sancho, 1981, p. 41, n. 74, 55), derive igualmente do elemento onomástico **uiser* (Faria, 2002a, p. 241).

]rCe Cornelī [---] [au?]iTe. Placa de calcário. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.1. Não é aceitável que Mayer (2012, p. 127) reivindique para si ou para Velaza (2003 [2004], p. 183) a restituição do *praenomen* de *Cornelius* (*Auitus?*) como **Marke** < *Marcus* (Faria, 1993a, pp. 155–156, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2003a, p. 223). Temos de manifestar a nossa estranheza pelo facto de Mayer (2012, p. 127) in-

sistir em transliterar o nome em causa como **Cornele** (Velaza, 1991a, p. 101, n.º 397, 1991b, p. 292, 1996, p. 42, 1998, p. 72, 2003, p. 20, 2009, p. 160; Mayer & Velaza, 1993, p. 675; Moncunill, 2010, p. 90), quando **Cornelī** constitui, afinal, a única leitura admissível (Gómez-Moreno, 1943, p. 265, 1949, pp. 286–287; Siles, 1981, p. 105; Faria, 1993a, pp. 155–156, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2004a, p. 184, 2010 [2011], p. 94; Quintanilla, 1998, p. 201). Mesmo deixando de lado os argumentos de ordem paleográfica esgrimidos noutra sede (Faria, 1993a, p. 155), se alguma coerência houver — e cremos que há (Faria, 1993a, pp. 155–156, 2000a, p. 137) — na iberização de nomes pessoais latinos, cedo chegaremos à conclusão de que **[[Y?]Pa?]rCe** e **Cornele** são mutuamente exclusivos.

Barrandon (2011, p. 182), além de ter evidenciado uma excessiva prudência na transcrição de **Cornelī** como **Cornel**, decidiu ler o *praenomen* truncado como **]Ce** em prejuízo de **]rCe**. E o resultado a que esta autora chegou não podia ser mais desalentador: o entendimento de **]Ce** como adaptação ao idioma ibérico do *praenomen* *Lucius*, uma infeliz teoria que Barrandon, na sequência de Almagro (2003, p. 185), foi buscar a Untermann (*MLH* III 1, p. 205, *MLH* III 2, p. 20, 1995, p. 310). Outros investigadores, que quiseram à viva força atribuir a *Cornelius* o dito *praenomen*, não tiveram outro remédio senão transformar ilegitimamente **]Ce** em **]Ci** (Gómez-Moreno, 1943, p. 265, 1949, p. 267; Siles, 1981, p. 105; Panosa, 1996, p. 231).

]urPoCon. Pedestal de Pedra. Montaña Frontera (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.30.

Não é certo que **[Pi]ur** (Simón, 2012, p. 249) constitua a única hipótese de restituição do primeiro membro deste NP, podendo o mesmo corresponder alternativamente a **[a]ur**, segmento constante de diversos NNP, alguns dos quais coligidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 213).

A coexistência dos NNP **]urPoCon** e de **ilTuPoCon** (F.11.28) num mesmo espaço, trate-se ou não de um santuário, fragiliza decisivamente a interpretação deste último como ND (Silgo, 1986, *passim*).

Bibliografía citada

- ABAD CASAL, Lorenzo (1998/2005) - Sobre citas, citadores y modos de citar < <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=17234> >.
- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1961) - L'indo-européen et l'anthroponymie ibérique. In PUCHNER, Karl, ed. - *VI. Internationaler Kongress für Namenforschung. München: 24.–28. August 1958. Kongressberichte. Band II*. München: Bayerische Akademie der Wissenschaften, pp. 82–87.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (2003) - *Epigrafía prerromana*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ÁLVAREZ ENPARANTZA "TXILLARDEGI", José Luis (1997) - La aportación de Joan Coromines a la filología vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 74, pp. 85–91.
- AQUILLUÉ ABADÍAS, Xavier; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) [2002] - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 277–289.
- BÄHR, Gerhard (1948) - Baskisch und Iberisch IV: das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4–5, pp. 381–455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2008) - Del latín [ibérico] al romance [catalán]. In *Del llatí al romanç, com hem emplenat el buit?: III Jornada de l'Associació d'Amics del Professor Antoni M. Badia i Margarit (Barcelona, 17 de maig de 2007)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 61–95.
- BARRANDON, Nathalie (2011) - *De la pacification à l'intégration des Hispaniques (133–27 a.C.): les mutations des sociétés indigènes d'Hispanie centrale et septentrionale sous domination romaine*. Pessac: Ausonius; Paris: De Boccard.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2006) - An irrigation decree from Roman Spain: the *Lex Rivi Hiberiensis*. *The Journal of Roman Studies*. London. 96, pp. 147–197.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2012) - Roma y la epigrafía ibérica sobre piedra del nordeste peninsular. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 12, pp. 9–30.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; ORTIZ PALOMAR, Esperanza (2002) - *Burdo Medugeno dedit: sobre una cotícula inscrita del Museo de Zaragoza*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 295–325.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel (1977) - Una celebración de ludi en territorio de Gallur (Zaragoza). In *Crónica del XIV Congreso Arqueológico Nacional (Vitoria, 1975)*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 1061–1070.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1950²) - *Curso de numismática, tomo I: numismática antigua, clásica y de España*. 2.ª edición, completamente renovada. (1943–1944¹, sob o pseudónimo Celestino Belmar). Cartagena: Universidad de Zaragoza.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1996) - Las inscripciones de las monedas "iberas". In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (curso de la U.I.M.P. - Valencia 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 157–187.
- BLANCO FREJEIRO, Antonio (1987) - Las esculturas de Porcuna, I. Estatuas de guerreros. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 184:3, pp. 405–445.
- BLANCO FREJEIRO, Antonio (1996) - Las esculturas de Porcuna, I. Estatuas de guerreros. In LUZÓN NOGUÉ, José María; LEÓN ALONSO, Pilar, eds. - *Opera minora selecta*. Sevilla: Junta de Andalucía; Universidad, pp. 533–566.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) - Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 249–274.
- CARCEDO DE ANDRÉS, Bruno P. (2010) - Algunos apuntes de antroponimia antigua. *La Rioja. Berceo*. Logroño. 158, pp. 47–81.
- CARO BAROJA, Julio (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS SOLÁ, Monserrat; PADRÓS MARTÍ, Pepita; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291–299.
- COROMINAS I VIGNEAUX, Joan (1972) - *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- COROMINAS I VIGNEAUX, Joan (1997) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VII: SAL-VE*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona "La Caixa".
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1983) - Ibérico: *Cast(i)lo, Ibolc(a)*. Latín: *Castulo, Obulca. Habis*. Sevilla. 14, pp. 107–113.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, pp. 263–287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2004) - Los semisilabarios ibéricos: algunas cuestiones. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 5, pp. 75–98.

- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2004) [2005] - Leyenda monetaria y toponimia. In CHAVES TRISTÁN, Francisca; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José, eds. - *Moneta qua scripta: la moneda como soporte de escritura: actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua Osuna (Sevilla) febrero-marzo 2003*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Sevilla: Universidad; Fundación El Monte, pp. 15–23.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009) - Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTI-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273–295.
- CRINITI, Nicola (1970) - *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Vita e Pensiero.
- CURCHIN, Leonard (2009) - Toponimia antigua de Contestania e Edetania. *Lucentum*. Alicante. 28, pp. 69–74.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia; BURILLO MOZOTA, Francisco; SAIZ CARRASCO, María Esperanza; WEDENIG, Reinhold (2012) - Women potters — and their names — in Celtic-speaking areas. In ANREITER, Peter; BÁNFFY, Eszter; BARTOSIEWICZ, László; MEID, Wolfgang; METZNER-NEBELSICK, Carola, eds. - *Archaeological, cultural and linguistic heritage: Festschrift for Erzsébet Jerem in honour of her 70th birthday*. Budapest: Archaeolingua Alapítvány, pp. 115–134.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DIG = DELAMARRE, Xavier (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹). Paris: Errance.
- EDCS = Epigraphik-Datenbank Clauss/Slaby < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2012) - Las estampillas ibérico-latinas K.5.4. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 12, pp. 73–90.
- FALLEYEV, Alexander (2007) - *Celtic Dacia: personal names, place-names and ethnic names of Celtic origin in Dacia and Scythia Minor*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992a) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992b) - [Recensão de] VELAZA, Javier - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, L. A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 136–140.
- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 228–234.
- FARIA, António Marques de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, pp. 127–129.
- FARIA, António Marques de (1998d) - [Recensão de] VELAZA FRÍAS, J. - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros, 1996. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, pp. 267–271.
- FARIA, António Marques de (1999) - Novas notas de onomástica hispânica prerromana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2001c) - [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, P. P.; ABASCAL PALAZÓN, J. M. - *Monedas hispânicas*:

- catálogo del Gabinete de Antigüedades. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 213–216.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, pp. 87–112.
- FASOLINI, Donato (2012) - *Le tribù romane della Hispania Tarraconensis: l'ascrizione tribale dei cittadini romani nelle testimonianze epigrafiche*. Milano: Vita e Pensiero.
- FAUST, Manfred (1966) - *Die antiken Einwohnernamen und Völkernamen auf -itani, -etani: eine Untersuchung zur Frage des westmediterranen Substrats*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20–24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (Palaeohispanica. Zaragoza. 5, 2005), pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] - Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 23, pp. 129–170.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibèric **tagiar**. Terrissaires que signen les seves produccions: **biurko, ibeitiger, biurbedi** i companyia. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. 6, pp. 81–93.
- FERRER I JANÉ, Joan (2009) - El sistema de numerals ibèric: avances en su conocimiento. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 451–479.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] - El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 69–113.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012a) - *Šaleitartin*: testimoni múltiple d'un antropònim ibèric al jaciment de Can Rossó (Argençola). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 22, pp. 143–151.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012b) - La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In GARCÍA SINNER, Alejandro, ed. - *La moneda de los iberos: Ituro y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÍA I RUBERT, David; MORENO MARTÍNEZ, Isabel; TARRADELL-FONT, Núria; TURULL I RUBINAT, Albert (2012) - Aportacions al coneixement de la seca ibèrica de *šikara* i de l'origen del topònim Segarra. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 22, pp. 37–58.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1982) - *El plomo ibérico de Mogente (Valencia)*. Valencia: Diputación Provincial.
- FLETCHER VALLS, Domingo (1984) - Un plomo ibérico de la comarca de Enguera (Valencia). *Arse*. Sagunto. 19, pp. 404–414.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 38–427.

- GIL FARRÉS, Octavio (1956) - Consideraciones sobre los epígrafes monetarios en caracteres ibéricos. *Numario Hispánico*. Madrid. 5:9, pp. 5–46.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1943) - La escritura ibérica. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 122:2, pp. 251–278.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ OLLÉ, Fernando (2004) - Navarra, *Romania emersa y ¿Romania submersa?*. *Aemilianense*. Logroño. 1, pp. 225–270.
- GORGUES, Alexis (2010) - *Économie et société dans le Nord-Est du domaine ibérique (III^e – I^{er} s. av. J.-C.)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1986) - Sobre Lengua e Historia: comentarios de lingüística diacrónica, vasca y paleohispánica. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. Donostia-San Sebastián. 20:2, pp. 507–531.
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 330–338.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT BUSQUETS, Jaume; VIVES I BALMAÑA, Elisenda, eds. - *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenaïques, pp. 271–297.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2002) - El complejo sufijal (-e)sken de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 159–168.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2003) - Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, Simona; POCETTI, Paolo, eds. - *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, pp. 85–97.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011a) - *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011b) - Lengua y escritura. In BONET ROSADO, Helena; VIVES-FERRÁNDIZ SÁNCHEZ, Jaime, eds. - *La Bastida de les Alcusses 1928–2010*. València: Museu de Prehistòria de València, pp. 221–237.
- HUALDE, José Ignacio (2003) - Segmental phonology. In HUALDE, José Ignacio; ORTIZ DE URBINA ARRUBARRENA, Jon, eds. - *A grammar of Basque*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 15–65.
- IRMN = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) - *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JIMENO ARANGUREN, Roldán; TOBALINA ORAÁ, Eva; VELAZA FRÍAS, Javier (1998) - Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*. Faenza. 60, pp. 290–294.
- JIMENO JURIO, José María (1986) - Topónimos navarros con sufijo -ain. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 48, pp. 251–281.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2011) - *Chronica Epigraphica Celtiberica VI. Palaeohispanica*. Zaragoza. 11, pp. 285–318.
- KNÖRR BORRÀS, Endrike (1995) - La huella del latín en la lengua vasca. In VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Vitalino, ed. - *Didáctica del latín: actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 213–225.
- LAFON, René (1963) - Noms anciens de personnes et de lieux du Sud de l'Espagne d'après les inscriptions. In *Atti e Memorie del VII Congresso Internazionale di Scienze Onomastiche (Firenze 4–8 Aprile 1961)*. 3. Firenze: Istituto di Glottologia dell'Università degli Studi, pp. 401–406.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2002) - Etimologiae (proto)vasconicae LXV. In ARTIAGOITIA BEASKOETXEA, Xabier; GOENAGA MENDIZABAL, Patxi; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni, eds. - *Erramu boneta: Festschrift for Rudolf P. G. de Rijk*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 425–442.
- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 19–59.
- LUCHAIRE, Achille (1879) - Études sur les idiomes pyrénéens de la région française. Paris: Maisonneuve et C^{ie}.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49–88.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; CHAPA BRUNET, María Teresa; PEREIRA SIESO, Juan; CABRERA DÍEZ, Ana; CHARRO LOBATO, Cristina (2012) - Nueva inscripción ibérica sobre granito del Cerro de la Mesa (Alcolea de Tajo, Toledo). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 12, pp. 195–209.
- MAYER I OLIVÉ, Marc (2012) - La epigrafía. In AQUILUÉ ABADÍAS, Xavier, ed. - *Ciudades romanas de Hispania, 6. Empúries – Municipium Emporiae*. Roma: «L'Erma» di Bresschneider, pp. 126–131.
- MAYER I OLIVÉ, Marc; VELAZA FRÍAS, Javier (1993) - Epigrafía ibérica sobre soportes típicamente romanos. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 667–682.
- MEZQUÍRIZ IRUJO, María Ángeles (1991–1992) - Pavimento de “opus signinum” con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, pp. 365–367.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1955) - Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 23, pp. 265–284.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹). San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) - La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.

- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: die Münzlegenden. 1. Text.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften.* [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) - *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya.* Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2012) - El orden de los formantes antroponímicos en la lengua ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas.* Valencia. 12, pp. 189–217.
- MUJICA URDANGARIN, Luis María (1982) - *Latina eta erromanikoaren eragina euskarán: euskal lexikoaren azterketa bideetan.* Donostia: Sendoa [non uidi].
- OLCOZ YANGUAS, Serafin; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; MEDRANO MARQUÉS, Manuel (2007–2008) - Inscripciones paleohispánicas sobre cerámica de Navarra: nuevos grafitos y revisiones de lectura. *Trabajos de Arqueología Navarra.* Pamplona. 20, pp. 87–102.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) [2006] - Sobre algunos posibles numerales en textos ibéricos. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20–24 de octubre de 2004.* Zaragoza: Institución “Fernando el Católico” (Palaeohispanica. Zaragoza. 5, 2005), pp. 491–505.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2010) - En torno al lexema ibérico eki- y sus variantes. *Palaeohispanica.* Zaragoza. 10, pp. 319–334.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) - Prefijos y clíticos en ibérico. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas.* Valencia. 11, pp. 131–151.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) [2012] - Los numerales ibéricos y el protovasco. *Veleia.* Vitoria-Gasteiz. 28, pp. 125–139.
- OROZ ARIZCUREN, Francisco Javier (1976) - El ibérico, lengua en contacto. *Fontes Linguae Vasconum.* Pamplona. 23, pp. 183–193.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles).* Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (2010) - L'ibère et le basque: recherches et comparaisons < http://artxiker.ccsd.cnrs.fr/docs/00/46/58/24/PDF/Basque_et_ibere_Recherches_Comparaisons.pdf >.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (1996) - Elementos sobre la fase de bilingüismo y latinización de la población ibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNAÇÃO, José d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994).* Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 217–246.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (1999) - *La escritura ibérica en Cataluña y su contexto socioeconómico (siglos V–I a.C.).* Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2011) - Inscripció ibèrica de Molins Nous (Riudoms, Bix Camp). In PREVOSTI MONCLÚS, Marta; GUITART I DURAN, Josep, eds. - *Ager Tarraconensis, 2: el poblament.* Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 267–270.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum.* Pamplona. 63, pp. 221–229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) - Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas.* Valencia. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1991) - Plomo ibérico, en escritura jónica, procedente de Sagunto, II: aspectos epigráficos, lingüísticos y culturales. *Arse.* Sagunto. 26, pp. 17–58.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas.* Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2010a) - El topónimo hispano-celta BLETISAMA: una aproximación desde la lingüística. In SASTRE PRATS, Inés; BELTRÁN ORTEGA, Alejandro, eds. - *El bronce de El Picón (Pino del Oro): procesos de cambio en el Occidente de Hispania.* Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 217–223.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2010b) - Toponimia celta en la inscripción de Fuentes de Ropel: *Seguisona* y sus correlatos europeos. In CORTÉS GABAUDAN, Francisco; MÉNDEZ DOSUNA, Julián Víctor, eds. - *Dic mihi, mvsa, virvm: homenaje al profesor Antonio López Eire.* Salamanca: Universidad, pp. 533–540.
- QUESADA SANZ, Fernando; GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1995) - Sobre la localización de *Ikale(n)skén* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994).* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 65–73.
- QUETGLAS I NICOLAU, Pere Joan, ed. (2005) - *Guerra civil / Julio César. Guerra de Alejandría. Guerra de África. Guerra de Hispania / autores del cuerpo cesariano.* Madrid: Gredos.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) - *Estudios de fonología ibérica.* Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1987) - Toponimia vasca y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22–27 septiembre 1986), 2. Comunicaciones.* Pamplona: Institución “Príncipe de Viana” (Príncipe de Viana; Anejo 7), pp. 563–576.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1988) - Vitalidad indígena ante el proceso de romanización: el testimonio de los topónimos en “ain”. In *II Congreso Mundial Vasco. Congreso de Historia de Euskal Herria, I sección. Tomo I.* Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, pp. 179–192.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2002) - Navarra: los colectivos sociales en la Antigüedad. In ERRO GASCA, Carmen; MUGUETA MORENO, Iñigo, eds. - *Grupos sociales en Navarra. Relaciones y derechos a lo largo de la Historia. Actas del V Congreso de Historia de Navarra, Pamplona, septiembre de 2002, volumen III: ponencias.* Pamplona: Eunat, pp. 21–53.

- RÉBÉ, Isabelle; DE HOZ BRAVO, Javier; ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2012) - Dos plomos ibéricos de Ruscino (Perpignan, P.-O.). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 12, pp. 211–251.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2007) - *Las acuñaciones de la ciudad ibérica de Saitabi*. València: Universitat.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, pp. 25–37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001) [2002] - La cultura íberica desde la perspectiva de la epigrafía: un ensayo de síntesis. *Iberia*. Logroño. 4, pp. 17–38.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua íbera. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 15–50.
- RPC I = BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RUBIO MARTÍNEZ, Juan Carlos (1997) - Una estela funeraria romana en San Andrés de Cameros, La Rioja. Estudio preliminar. *Faventia*. 19:1, pp. 55–63.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, Pedro (1978) - Las centurias de la Bética. *Habis*. Sevilla. 9, pp. 255–271.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2000) - Acerca del sufijo toponímico *-ain*. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 83, pp. 113–137.
- SALINAS DE FRÍAS, Manuel (2012) - La Provincia Ulterior entre Décimo Bruto y Augusto. In ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel; CABALLOS RUFINO, Antonio; CASTELLANOS GARCÍA, Santiago; SANTOS YANGUAS, Juan, eds. - *Estudios de historia antigua en homenaje al prof. Manuel Abilio Rabanal*. León: Universidad; Sevilla: Universidad, pp. 105–121.
- SANCHO ROCHER, Laura (1981) - *El convento jurídico caesaraugustano*. Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1988) - Una carta en lengua íberica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 95–113.
- SCHMIDT, Karl Horst (1957) - Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. Tübingen. 26:1–4, pp. 31–301.
- SCHMOLL, Ulrich (1959) - *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SCHMOLL, Ulrich (1961) - *Die südlusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SCHMOLL, Ulrich (1962) - Zur Entzifferung der südhispanische Schrift. *Madrid-Mitteilungen*. Heidelberg. 3, pp. 85–100.
- SCHMOLL, Ulrich (1966) - Althhispanische Miscellen II. *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanische Sprachen*. Göttingen. 80, pp. 182–198.
- SCHUCHARDT, Hugo (1907) - Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. Wien. 157:2, pp. 1–90.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) - Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1981) - Iberismo y latinización: nombres latinos en epígrafes ibéricos. *Faventia*. Barcelona. 3:1, pp. 97–113.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, Luis (1986) - *ǵldutacon*, divinidad íberica saguntina? *Arse*. Sagunto. 21, pp. 17–19.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico íberico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, Luis (2000a) - El problema de las silbantes íbericas. *Habis*. Sevilla. 31, pp. 503–521.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000b) - La procedencia de la lápida íberica supuesta de Liria (F.13.1). In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), pp. 181–186.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] - La antroponimia íberica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) - *Estudio de toponimia íberica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2012) - La epigrafía íberica de Montaña Frontera (Sagunto). *Madrid-Mitteilungen*. Wiesbaden. 53, pp. 239–261.
- SOLÀ I SOLÉ, Josep Maria (1968) - Assaig d'interpretació d'algunes inscripcions “ibèriques” mitjaçant el fenici i púnic. *Oriens Antiquus*. Roma. 7, pp. 223–244.
- SOLIER, Yves (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55–123.
- TERRADO PABLO, Javier (2011) - Cataluña y Andorra. In GARCÍA ARIAS, Xosé Lluis; CASANOVA HERRERO, Emili, eds. - *Toponimia hispánica: origen y evolución de nuestros topónimos más importantes*. Paiporta (València): Denes, pp. 121–153.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) - Léxico de las inscripciones íbericas (celtibérico e íberico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1952) - Las monedas de Obulco y los Celtas en Andalucía. *Zephyrus*. Salamanca. 3, pp. 219–221.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1974) - *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- UNTERMANN, Jürgen (1969) - Lengua gala y lengua íberica en la Galia Narbonensis. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 12, pp. 99–161.
- UNTERMANN, Jürgen (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 41–67.
- UNTERMANN, Jürgen (1983) - Die althhispanischen Sprachen. In TEMPORINI, Hildegard; HAASE, Wolfgang, eds. - *Aufstieg und*

- Niedergang der römische Welt*, II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, pp. 791–818.
- UNTERMANN, Jürgen (1984) - Inscripciones sepulcrales ibéricas. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*. Castelló. 10, pp. 111–119.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) - Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (1995) - La latinización de Hispania a través del documento monetar. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 305–316.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, pp. 73–85.
- UNTERMANN, Jürgen (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, pp. 107–110.
- UNTERMANN, Jürgen (2005) - La lengua ibérica en el País Valenciano. In *Món Ibèric als Països Catalans. XIII Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà (14 i 15 de novembre de 2003). Homenatge a Josep Barberà i Farràs*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 1083–1100.
- UNTERMANN, Jürgen (2011) - Palabras compuestas ibéricas y tartesias del campo semántico de “ciudad”. In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 285–293.
- VALLADOLID MOYA, Juana (1998) - La estela inscrita ibérica conocida como “lápidia de Liria”: una nueva lectura. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, pp. 241–256.
- VALLEJO RUIZ, José María (2009) - La validez de la antroponimia como fuente de estudio de las lenguas antiguas: el caso de la Península Ibérica. *Emerita*. Madrid. 77:1, pp. 125–145.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1946) - En torno a una vieja moneda ibérica. *Emerita*. Madrid. 14, pp. 242–258.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1950) - Sobre ibérico «(-s)ken» y «(-en)». *Emerita*. Madrid. 18, pp. 215–220.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1954) - Exploraciones ibéricas (IV). *Emerita*. Madrid. 22, pp. 222–257.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991a) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976–1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991b) - Consideraciones en torno a la inscripción ibérica de Caminreal. *AIΩN*. Napoli. 13, pp. 291–295.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1996) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1998) - La epigrafía monetar paleohispánica: breve estado de la cuestión. In *La moneda en la societat ibérica: II Curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, pp. 67–84.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1999) - Escritura, autorrepresentación y poder en el mundo ibérico. *Cultura Escrita & Sociedad*. Alcalá de Henares. 9, pp. 144–167.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2002) - Las inscripciones monetales. In RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; LLORENS FORCADA, María del Mar - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, pp. 123–148.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2003) - Avenços en la investigació sobre la llengua ibèrica. In TURULL RUBINAT, Albert, ed. - *Aportacions a l'onomàstica catalana: actes del XXVI Col·loqui de la Societat d'Onomàstica (Lleida, 26–28 de novembre de 1999)*. Lleida: Institut d'Estudis Ilerdencs; Universitat, pp. 13–26.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2003) [2004] - La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, pp. 179–192.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011a) - Los sufijos ibéricos en notación grecoibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 11, pp. 83–98.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011b) - *Chronica Epigraphica Iberica IX (2007–2009)*. *Palaeohispanica*. 11, pp. 319–331.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, pp. 295–299.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) - Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos - *El IV Bronce de Botorrita (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 133–153.
- YARZA URQUIOLA, Valeriano (2010) [2011] - Posible localización de la Otogesa de César. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 173–190.